



O MAIOR PODER DO MUNDO



@medicadavida



Priscilla Furtado



Dica da Vida



contatopriscillafurtado@gmail.com

www.priscillafurtado.com

PARA ISABELLA
As minhas e as nossas viagens



"O maior poder do mundo"

Um dia antes de chegar a Nova Iorque, fiz as malas. Enquanto fazia, peguei esse livro que seu pai comprou pra mim há uns 2 meses. Quando vi a capa com o mapa, pensei que tinha tudo a ver com viagem. E decidi escrever sobre viagens. Mas não escrevi. E olha que fizemos um par delas.

Ai, de repente, enquanto eu fazia as malas, eu o vi a cabeceira da cama.

Será que levo? Só vai servir pra carregar peso. É tipo viajar e levar caderno pra estudar. Resultado: nem abre o caderno.

Mas alguma coisa me disse pra trazer. E eu trouxe. Afinal não era tanto peso assim.

Chegamos ontem e tivemos um dia muito cheio hoje. Eu tô morta, mas não conseguia dormir porque tinha alguma coisa a minha cabeça martelando: escreva. Escreva. Escreva.

Eu não ia conseguir dormir estando dividida assim.

Sei lá como, criei forças e resolvi escrever. Na verdade, seu pai me ajudou. Ele me incentivou. Ele disse: Se você quer escrever, escreva. E! Foi o suficiente.





Engracado. Levantei e peguei o livro Abri e vi a frase: A aventura vale a pena (tivemos que traduzir no google porque não sabíamos o que era worthwhile).

Fui ler a contracapa e um escrito no verso da primeira folha. Fiz isso porque lembrei de você. Você adora a história de uma jóia que é a capa do último livro que escrevi. Foi daí que surgiu minha curiosidade de ver esse.

A contracapa diz que quando viajamos, descobrimos mais sobre nós mesmos do que sobre o mundo. E que esse livro é um acessório de viagem necessário. Coincidência?

Ai resolvi ler a história no verso da primeira folha. Peter foi quem começou a fazer esses livros em 1928 no porão da casa dos pais dele, em Larchmont, New York (New York!) Interessante. Coincidência?

Não sei se foram coincidências. Mas tenho uma certa tendência de acreditar que não existem coincidências.

O fato é que as coincidências me inspiram. Parece meio doido. Mas é como se o universo estivesse me enviando sinais pra que eu siga em frente e escreva.

Eu penso em coisas que eu queria te escrever o tempo todo. Mas como escrevo uma vez por semana, a maioria desses pensamentos se perde...

Lembrei de você, que gosta de registrar os momentos





com as fotos. Eu sei. Eu também gosto. Pra falar a verdade, eu adoooooro! Vivo repassando nossas fotos. Haja memória pra que caiba tudo no celular!

Então... de repente eu fiz um link. Eu gosto de escrever pra poder registrar meus pensamentos. Pra que eu não os perca... Mas ainda não consigo ler o que escrevo. Ainda acho meio chato. Não é prazeroso como as fotos. Mas já não é tão difícil como era antes.

Bom, resolvi escrever hoje porque você não está aqui.

Você ainda tem 6 anos. E seu pai e eu viemos correr uma maratona em Nova Jorque. Achei que não tinha com quem você ficasse enquanto corriamos. E eram 4 dias. E sim, nós estávamos precisando de um tempo nosso pra namorar (no sentido literal e figurado da palavra). Então você ficou com seus avós.

A história de como viemos parar aqui é divertida. E bem a minha cara.

Uma amiga minha comentou que ia correr uma maratona em Nova Jorque. Nunca pensei em ir a Nova Jorque. Sei lá. Não sei explicar, mas nunca me atraiu. Só que resolvi pesquisar a maratona na internet. No primeiro site estava escrito: A maior maratona do Planeta! Mais de 2 milhões de





peessoas torcendo nas ruas!

Ok. Já me convenceu.

Vi o preço: 10 mil reais. Caro pra caralho00000!

Ops. Parcela em 10x.

Ok. Fiz as inscrições. Pra mim e pro seu pai. Ele tentou me convencer a esperar um ano, pra treinarmos, e pra terminarmos de construir a casa. Todo mundo sabe que quem constrói fica sem dinheiro.

Mas eu ignoro essas coisas quando eu tô decidida. Provavelmente você vai perceber isso ao longo da sua vida.

Argumentei com seu pai que não sei se estarei viva no ano que vem. Não tinha o objetivo de chegar rápido, nem de competir; então o treino não era tão importante. Se faltar dinheiro, para a construção por 1 mês. Quem espera 18 meses, espera 19. E foi assim que eu o convenci.

Ele reclama, mas lááá no fundo, eu acho que ele gosta.

Eu gosto de shows, de copa do mundo, de circo. Gosto de pessoas vibrando, torcendo. Gosto de estar na torcida. E quando eu pensei em 2 milhões de pessoas torcendo por uma causa só (no caso, pelos corredores), eu quis fazer parte. Eu queria uma experiência assim na minha história. Só isso.

Sim. Houve ponderações.

Você não vai torcer, você vai correr. Sim, eu sei.





São 42 km. Também sei disso. São 42 mas vai ser uma vez só. Não vou morrer por isso.

Ah, mas vai doer. Sim. E quem nunca sentiu dor na vida? Dor passa. Essa passa.

E se você não conseguir? Ok. Mas pelo menos eu tentei. É melhor tentar do que não tentar. E se não der, ainda posso tentar de novo.

E. Assim acabaram as ponderações.

Bom, chegamos a Nova Jorque ontem. Mais de doze horas de voo. Escala em Washington, escala em Boston.

Geografia nunca foi meu forte. Na hora de fazer o check-in, nosso destino final era Newark, New Jersey.

Que porra é essa? Será que eu comprei errado? Não era pra ser Nova Jorque?

Foi aí que me dei conta que pra mim só existia EUA - o país. Existia Miami, onde os brasileiros vão fazer compra. Existia Boston, onde fiz um curso. E agora existiria Nova Jorque e essa tal Newark. Será que não são a mesma coisa? O som é bem parecido. Será que Newark é um jeito diferente de escrever New York?

Putz. Tá complexo isso.

A gente pediu ajuda pra fazer o checkin.





E eu resolvi olhar o mapa dos EUA no Google. O bom de estar de férias é ter tempo pra fazer essas coisas. Ou na verdade é ter tempo para a curiosidade!

Nova Iorque tá lá em cima, do lado direito. É quase Canadá! Miami tá lá embaixo, quase América Central. Puxa, tenho uma amiga que mora em San Diego, quase no México - lados opostos de Nova Iorque, tanto no eixo longitudinal quanto latero lateral. Não vai dar pra visitar. Ainda vi Texas, Colorado - sempre aparecem nesses filmes de cowboy.

O mapa dos EUA é bonito. Os caras são organizados até no mapa. Tirei o chapéu. Dividido tudo retinho. Os estados são quase uns quadradinhos. Agora, Alaska?! Estranho. Nem tem continuidade territorial. Enfim...

Depois de mais de 12h fazendo pinga-pinga em aeroportos, chegamos a Nova Iorque. Não sei o que acontece. Não fiz nenhuma atividade física, não suei. Mas cheguei com uma sensação de que não tomava banho há uma semana. Juntou um sebo no cabelo, no corpo, pescoco, rosto. Parece que a gente fica meio que fedendo. Fui ao banheiro parece que tô com a mesma calcinha há uma semana. Comentei com seu pai - ele tinha a mesma sensação. Demos risada. Ele levantou a hipótese de ser porque não tem vento.





não ter tanta circulação de ar em aeroportos e aviões. Ou talvez seja pelo tempo prolongado sem banho mesmo. Mas seguimos sem essa resposta.

Vi algumas crianças com os pais no aeroporto. E no avião. Impossível não lembrar de você. E é uma saudade quase que dolorida.

Chegamos cansados. No caminho do aeroporto para o hotel, vi um cartaz das tartarugas ninja.

Eu nunca teria reparado naquele cartaz. Pra falar a verdade, nunca gostei de Tartarugas Ninjas. Mas você adora. Você assiste freqüentemente. E quando comentei que ia viajar para Nova Jorque e que você ia ficar, você me pediu empolgadamente que eu tirasse uma foto pra você das Tartarugas Ninjas!

Eu fiz uma cara de interrogação, porque não fazia ideia de onde você tinha tirado isso.

Ai você me explicou (com uma cara do tipo: como você não sabe?) que as tartarugas ninjas moravam em Nova Jorque, nas redes de esgoto do metrô. E me explicou que, caso eu pegasse o metrô pra ir a algum lugar, talvez eu encontrasse as tartarugas no esgoto por lá.

Eu achei o máximo. Sua memória é mesmo incrível. Eu nunca me toquei que as tartarugas





moravam em NY.

E quando vi o cartaz das tartarugas, lembrei com carinho de você. Se não fosse você em minha vida, aquele cartaz também teria passado batido. Eu até te diria que tô aprendendo a gostar das tartarugas.

Chegamos ao Hotel e fizemos a programação. Tempo curto. Era dar uma volta nas lojinhas por perto e comprar um ingresso pra um Show da Broadway.

Tudo o que eu via nas lojas me lembrava você. Os ursinhos de pelúcia que você adora. As malas coloridas. As roupinhas de criança. Dá vontade de sair comprando tudo, mas eu tenho que me segurar. Levar só o essencial.

Conseguimos o ingresso pro show bem perto do palco. Do jeito que eu gosto. O espetáculo é o "Cats". Um musical sobre gatos. Só de ver a imagem/foto já imaginei o quanto você adoraria. Porque você adora tudo o que é sobre animais. E os teatros também. Você adorou O Rei Leão e o Wicked.

Aqui tem os dois. Se você tivesse vindo eu te levaria pra ver o Rei Leão de novo. Eu também achei





incrível.

Fomos para o show. 2h30' imaginando como seria se você estivesse lá. O figurino e a maquiagem são impecáveis. Você iria se deliciar. Ficou uma cadeira vaga do lado do seu pai, bem no corredor. Os gatos passavam e paravam por ali. Tenho certeza que você cativaria os atores com seu olhar de admiração; tenho certeza que você ficaria admirada com o espetáculo. Você poderia até pegar na mão deles!

Putz. Me dá um remorso imenso não ter te trazido, por mais que eu saiba que não teria como correr a maratona.

Encontramos a Renata, minha amiga. A sogra dela veio junto, e não vai correr. Só descobri isso agora. Daria pra você ter vindo. O remorso aumenta.

Saimos do teatro e fomos a um bar/restaurante dançante - La esquina. Não gosto muito de comida mexicana, mas não era ruim. O ambiente era legalzinho e deu pra dançar. E. Dançar faz bem. Dancei com seu pai. Eu gosto de dançar com ele. Por mais que a gente erre os passos, continua sendo bom.

Voltamos de táxi. O cansaço bateu e eu não aguentei e voltei dormindo. Deve ter sido uns 20 minutos, mas juro que foi o suficiente pra eu entrar em sono





profundo.

No dia seguinte, acordamos e fomos para o local da retirada dos kits da maratona.

Tinha um ursinho, uma espécie de mascote da maratona. Esse eu não aguentei. Pedi pro seu pai comprar, pra você ter alguma lembrança disso. Você gosta de histórias, e acho que esse ursinho renderá boas histórias.

Entramos na área dos estandes. Nooossa! Tem um da Disney! Várias medalhas expostas! Eu me lembrava que tem umas corridas na Disney. Mas aí descobrimos que tem uma corrida pelo app. Você corre na sua cidade e recebe a medalha pelo correio! Você vai amar! Já me imagino colecionando as medalhas com você. Guardei o papelzinho pra eu não me esquecer.

Saimos dos estandes e avistei uns ursinhos, digo, umas pelúcias das tartarugas-ninja. Você de novo por aqui.

Já era umas 16h quando paramos pra comer. Comemos no Hard Rock Café. Seu pai escolheu um sanduiche picante MUITO BOM. O Hard Rock daqui é bem legal. Puxa, tinha instrumentos dos Beatles, vestido da Madonna. São ídolos que ultrapassaram gerações. Espero que um dia você possa ouvi-los e descobrir se gosta ou não.

Atrasados, fomos à abertura – a parada das nações.





É um desfile dos competidores, antes da prova. Chegamos bem na hora de desfile do Brasil. Ouvi o barulho de batucue de longe. Comentei com seu pai, ele disse que devia ser barulho da festa. Insisti que não. Que só podia ser Brasil. Ninguém mais sabe fazer um batucue daquele. Aquilo era coisa de brasileiro.

É não é que era mesmo?



Que "coincidência" chegarmos bem na hora do Brasil. E ainda paramos bem ao lado da Renata, a minha amiga. Outra "coincidência".

Ela comentou que passaram austriacos, belgicos, canadenses... todo mundo sério, abanando umas bandeirinhas..

E de repente entram os brasileiros. Começa o barulho, a música, a gritaria. É discrepante.

Pois é. Eu diria que começa a emoção.

Essa emoção é o que me move.

Espero que um dia você sinta isso. Que você saiba o que é isso. Mas lá no fundo, eu acho que você já sabe.





Tirei uma foto com a nossa bandeira. Sim. Porque eu gosto de ser brasileira. Falando nisso, teve um acontecimento engraçado.

Estávamos passeando numa rua muito movimentada, e tinha uma espécie de camelô vendendo gorros de lã na esquina. Uma mulher parou pra ver e, de repente, um homem (deve ser o marido) a puxou pelo braço dizendo: Ah não! Você comprou uns trem desse! Não vai comprar mais não!

Olhei pro seu pai e demos risada. Me senti em casa em Nova Jorque.

"Uns trem desse". A frase típica do mineiro, aqui em NYC. Certeza que são de Minas Gerais.

Incrível como uma única frase solta assim pode aproximar pessoas. Por um milésimo de segundo, foi como se nos





conhecêssemos.

Ah! As coincidências...

Na volta da Parada das Nações, passamos por dentro do Central Park. Uma pista de patinação imensa. Um guaxinim! Um rato! Tudo me lembra você! Eu nunca tinha visto um guaxinim. Ele é ainda mais fofo ao vivo.

O Central Park é realmente indescritível. Bateu um vento leve, e as folhas começaram a cair das árvores. Uma chuva de folhas. Que coisa mais linda aquele tanto de folhas sendo levadas pelo vento. E as cores... Não sei se é amarelo, ou laranja ou avermelhado... ou os 3 tons misturados. Só tinha visto em filme. E nem imaginei que um dia eu presenciaria essa cena.



Lembrei que as melhores coisas da vida não são planejadas. Foi assim com a chuva de folhas. Foi assim com você.

São presentes que a vida nos dá sem que a gente





peça ou espere por eles. São realmente os melhores presentes.

Se eu pudesse, eu teria congelado o tempo só pra que você visse a cena e a sentisse. Simplesmente sentisse...

Voltamos pela área comercial e paramos numa Best Buy pra eu comprar um Babyliiss. Sai sem o babyliiss. Mas achei um fone de ouvido de leão e uma máquina instantânea de fotos pra você. Seu fone já está velho, precisando trocar. E você vai amar o leão. Fiquei muito empolgada! E a sua cara! E a máquina? Ah! Essa eu não preciso nem falar! Que você registre seus próprios momentos!

Passei pela Zara pra ver umas roupas pra mim e entramos no setor infantil. Seu pai e eu nos divertimos imaginando você em todas aquelas roupas fofas. Eu sei. Você é linda de qualquer jeito. Essa é a nossa opinião. Mas aqueles adereços todos só realçariam ainda mais...

Por fim, voltamos ao hotel. E amanhã temos mais um longo dia pela frente.

Ah! Eu me esqueci de te contar...

Quando fomos pegar o kit da maratona, tinha um paredão enorme cheio de "post-it" onde as pessoas grudavam seus recados. No "post-it" tinha um espaço em branco





e a palavra "Obrigado" escrita em várias línguas.

Peguei um "post-it" e escrevi uma frase que estava na minha cabeça há uma semana. Quando corremos sozinhos, vamos mais rápido. Quando corremos juntos, vamos mais longe. Na verdade, não sei se é andamos, caminhamos ou corremos... E não lembro qual delas escrevi. Mas independente disso, todas elas passam o recado.

Mas senti que estava incompleto. Faltava algo. E peguei outro, onde escrevi, de supetão: "Isabella Pasquinelli, você está em meu ♥"

Eu sei que você não ia ler. Parece que não ia fazer diferença. Mas pra mim, fazia. Era um recado pro Universo. Ou talvez fosse um recado pra mim mesma, e só.





Eu fiquei emocionada quando vi aquele recado colado lá, entre tantos outros, do mundo todo. O meu recado. A minha constatação. A minha dor de não te ter aqui. A minha alegria de ter você aqui de alguma forma. Você está e sempre vai estar em meu ♥.

...

Já estamos voltando pra casa. Mas a viagem é demorada e acho que só vamos nos ver amanhã à noite. Não vejo a hora de te encontrar e dará aquele beijo/abraco gostoso.

Nossos dias foram muito bons aqui. Espero que você tenha experiências como essa em sua vida. Não precisa ser uma maratona. Pode ser o que você quiser. Só precisa ser uma dessas experiências que revigoram a alma.

E. De tempos em tempos a gente precisa disso. Precisa de tempo pra pensar, pra sentir, pra ter curiosidade, pra mudar conceitos, pra entrar em contato com nossos medos, nossos preconceitos e nossa felicidade.

Um dia antes da maratona (ou seja, anteontem), achamos melhor poupar energia. Acordamos tarde. E resolvemos fazer um tour em Nova Jorque nesses ônibus de turismo.





Fomos na parte de cima, que é aberta. Normalmente eu acho isso meio brega. Turístico demais. O que não faz muito sentido, porque afinal, sou turista. Mas enfim... o tempo curto e a vontade de conhecer toda Nova Jorque me fizeram entrar no ônibus. E você não vai acreditar... foi ótimo! Passamos por todos os pontos mais importantes e conseguimos ter uma noção geral da cidade. Recebemos um mapa da cidade onde estavam marcados os pontos principais e isso nos ajudou. O mapa de Nova Jorque é tão bonito quanto o dos EUA. Quarteirões quadradinhos, tudo organizado. Nova Jorque é uma São Paulo organizada e melhorada.

Descobri que Broadway é uma região e não um teatro. E que os teatros off-Broadway são aqueles com capacidades para poucas pessoas, são teatros menores. Pois é... não significa que eles não estão na Broadway.

Passamos em frente o local de atentado de 11 de setembro, das torres gêmeas. Até então, pela televisão, é uma notícia ruim. Ok. Estamos acostumados a notícias ruins. Mas quando você está no local, e imagina aqueles prédios sendo atingidos (ao todo foram 6), a sensação é realmente horrível. É bizarra. É tudo tão grande, tão alto, e tão dentro da cidade, com tanta





gente, que parece impossível. Mas não foi. Aconteceu.

E o mais interessante é que hoje, depois de tanto tempo, há um monumento lindo no local. E aí a gente acaba pensando e refletindo sobre isso... Sobre a capacidade que nós, seres humanos, possuímos de transformar algo ruim em bom. Foi isso que eu vi lá. O nosso maior dom. A nossa maior qualidade. A capacidade de superar a dor e deixar nascer algo novo e melhor no lugar. É o caminho mais difícil, mas ainda é o melhor caminho.

Interessante é que depois fomos ao Harlem. E aí contaram a história de um cara negro chamado Malcolm. E ele tinha ideias de segregação. Na época em que havia muito preconceito, ele era da parte dos negros que não queriam se misturar com os brancos. Eu entendo isso. Ele estava reativo. Ele era maltratado e queria devolver de volta. Quando eu ouvi isso, achei um absurdo -tipo- como assim? Ele não via que tava lutando contra o preconceito com mais preconceito ainda? É óbvio que não ia dar certo.

Tanto que ele morreu no final da história, assassinado por pessoas que outrora foram aliados dele.

É engraçado... enquanto eu criticava ele inteiramente com todas as minhas forças, sem querer, me coloquei no lugar dele. Deve ser muito foda ser vítima de preconceito.





Deve ser muito dolorido. E deve ser muito difícil conseguir achar uma saída, uma maneira de ser aceito. E aí acaba sendo mais "fácil" revidar. E por um instante, pensei em mim. Putz. Várias vezes eu revido. Quando acho que seu pai não está me dando importância, eu trato logo de ignorá-lo. Outro dia você estava vendo TV e nem ligou pra mim. Soltei logo um "azar é o seu". E por aí vai... Se eu for buscar na memória, revido no trânsito, revido no futebol, revido quando me sinto maltratada ou agredida. É bem complicado isso... Mas pelo menos, reconhecendo isso, agora talvez eu consiga ir mudando aos poucos... Sempre dá pra melhorar né?

Admito que fiquei admirada com a cidade. E que não houve melhor escolha do que o ônibus turístico.

Passamos ainda por vários outros pontos. O Empire State. Bonito como no filme do King Kong. A estátua da liberdade. Logo eu, que prezo tanto a liberdade... Adoro. Madison Square - puxa, ia ter uma luta do UFC - Bisping e Saint Pierre. Fiquei louca pra ir. E tenho uma dificuldade absurda pra aceitar quando não dá pra fazer o que quero. Travei uma luta interna, porque precisava dormir mais cedo por causa da maratona. Tínhamos que acordar às 5h da manhã até muito tarde. Não tinha jeito. Não ia dar pra dormir 8h.





Tive que escolher não ir ao UFC. Como é difícil explicar pra minha cabeça que às vezes não é possível fazer tudo o que quero. Como é difícil abrir mão da escolha em prol de outra. Tem gente que escolhe com facilidade. Eu não. Pra mim, é dolorido. Me consome. Mas dessa vez eu escolhi. E hoje, dois dias depois, estou em paz com minha escolha.

Depois do tour, compramos uns acessórios que faltavam, jantamos e dormimos.

Por fim, chegou o dia da tão esperada maratona. Pegamos o ônibus às 5h30' no hotel. Como é muita gente, mais de 70000 corredores, há congestionamento. Eu não sei que horas chegamos ao local, mas se eu fosse chutar, seria umas 7h. A nossa largada era só às 10:40. Estavam servindo chá/café. Como não tomo café, optei pelo chá. Mas com pouco açúcar, acabei jogando fora. Também havia Dunkin Donuts. E estavam doando uns gorros laranja e rosa. Peguei um pra mim, pra esquentar a cabeça.

Não fiquei tensa. Nem nervosa. Talvez porque eu não me senti obrigada a nada ali. Estava ali porque eu queria. E o que eu queria era simplesmente terminar a prova. De preferência, junto com o seu pai. E eu sabia que eu terminaria. Tinha 7 horas pra isso.





Essa história foi engraçada. Essa inscrição foi feita através de uma agência de viagens. Então eles que organizaram tudo (menos as passagens aéreas). E tínhamos um guia. No dia em que chegamos, fomos falar com ele. Seu pai estava meio tenso e queria algumas dicas. A primeira pergunta que o guia nos fez foi: Há quanto tempo estão treinando?

Dei risada. Não treinei. Só joguei futebol 2 semanas antes, porque antes tinha torcido o tornozelo e fiquei quase 2 meses parada.

O guia torceu o nariz.

OK. Mas quantos treinos longos vocês já fizeram na vida?

O que é um treino longo?

São mais de 30km.

Um minuto de silêncio. Dei risada de novo e falei: o máximo que fizemos foi correr 2 meia maratonas. 21km. A última foi há 3 meses. E ri de novo.

Ele cruzou o braço e franziu a testa.

Achei que a próxima pergunta seria: E o que vocês estão fazendo aqui?

Gracas a Deus não foi o que ele disse.

Ele respirou fundo e deu as dicas. Por sinal.





dicas importantes.

Comprem um moletom barato porque pode fazer frio no começo. Durante a prova, vocês podem jogar na rua que eles recolhem e essas roupas vão para doação. (Caramba. Tô começando a ficar fã dos americanos! Puta ideia boa! Ao invés de ter dó de jogar fora, a gente vai se sentir bem por estar ajudando alguém! Os caras são foda mesmo!).

Hidratem em todos os pontos. Principalmente se chover. Quando chove, é mais difícil perceber que tá desidratado.

E segurem o ritmo. O difícil é chegar até 30km. Depois disso, você vai com o coração.

Beleza. Esse é o foco.

Qual o tempo limite? (essa pergunta era definitiva).

São 7h. Se precisar, andem. Maratonista é quem termina a prova. A partir do momento em que cruzarem a linha de chegada, vocês serão maratonistas.

Fechou. Já sou maratonista. Eu termino essa prova nem que seja engatinhando. Nem que eu tenha que me arrastar no chão, eu cruzo aquela linha de chegada.

E foi me apoiando nisso que comi meu Donuts e sentei no chão pra esperar minha largada. Mas ainda faltavam umas 2 horas e meia. Putz. Não tinha o que fazer. Dormir era uma boa ideia. Não tem jeito melhor de





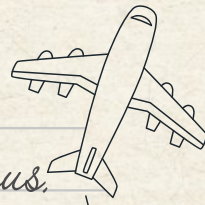
economizar energia. Deitei ali no chão mesmo, no asfalto. Entre um cochilo e outro, um corredor (que já ia largar mais cedo) me doou um tapetinho e um cobertor. Nem sabe o bem que me fez. Como era bom estar aquecida naquele dia frio. Meu marido deu risada de mim deitada no chão e comentou: Você tá parecendo uma sem-teto!



Dei risada. Tava mesmo. E enquanto pensava nisso, entendi como deve ser difícil. Eu até imaginava, mas não entendia.

Até há pouco, eu estava deitada no asfalto gelado, sem cobertor. É desconfortável. É difícil dormir com frio. É muito ruim passar frio. O piora quando bate o vento. E por mais que você se encolha, não há o que aqueça. Porque o ar tá gelado, e está em todo lugar.





Quando me enrolei no cobertor e me aqueci, meu Deus, a diferença foi discrepante. Um simples cobertor, fino. Mas já era muito muito muito melhor do que sem ele.

Lembrei do moletom que eu estava usando e que seria doado. Agora eu entendia ainda melhor a importância disso. Passar frio é desumano. Deixar alguém passar frio é tão desumano quanto.

Enquanto eu estava ali, deitada no chão, meio sonolenta, meio acordada e meio dormindo, pensei em você. Eu estava me sentindo meio ridícula com aquele gorro do Dunkin Donuts na cabeça. Estava bemmm longe de ter sido criado por Chanel ou Gucci. Mas algo me dizia que você iria adorar. Afinal, era quentinho e colorido. Laranja e rosa, com um "fru-fru" no cocuruto da cabeça. Eu ia jogar ele no meio do caminho, quando estivesse correndo. Ia descartar junto com o moletom e as luvas. Mas foi nesse momento que pensei em levá-lo pra você. Lembrei do guia dizendo pra descartarmos absolutamente todo o peso extra. Hum... melhor jogar fora.

Será? Talvez esse peso te dê força. Talvez seja mais um motivo pra você se esforçar e cruzar a linha de chegada.

Acho que nesse momento eu já havia decidido levar você comigo nessa prova. Por fim, chegou a hora da largada.





Fomos andando em direção ao local.

Engraçado. Percebi algo diferente nos EUA. No Brasil, a gente não vê policiais com frequência. Às vezes eles estão escondidos atrás das árvores, pra multar quem ultrapassa a velocidade nas estradas. Ou estão fazendo blitz pra multar quem dirigir bêbado ou anda com o farol queimado. Também vejo com frequência quanto tem acidente de carro. O fato é que, no Brasil, quando a gente vê polícia, já dá logo medo de ser punido. Às poucas vezes em que precisei da polícia, uma foi quando minha irmã foi assaltada na 25 de março, eles deram risada da nossa cara e disseram que não faziam boletim de ocorrência. E que estávamos arrumadas demais pra estar fazendo compra lá.

Um amigo do meu pai foi assaltado no rancho. O filho dele, que estava em outra cidade, a 40 minutos de lá, chegou antes da polícia. E por aí vai...

O rancho do seu avô foi assaltado outro dia. No Boletim de ocorrência já avisam que "já era".

Foi assim que percebi que no Brasil temos a sensação de que a polícia serve pra punir e não pra proteger. E foi assim que percebi que estou te ensinando isso toda vez que você está fora da cadeirinha e eu peço pra você se esconder quando vejo a polícia.





Eu entendo que toda história tem dois lados e que os bandidos no Brasil estão amparados pela lei e pelas armas.

Mas parece que isso foi "esfregado" na minha cara nessa viagem.

Logo no Aeroporto dos EUA, os policiais estão armados "até os dentes" e passamos por todo tipo de revista. Dá medo. Por mais que eu soubesse que não tinha feito nada de errado, a sensação é de que "você é culpado e se vire pra provar o contrário".

Mas à medida que o tempo vai passando, fui me acostumando.

Lá tinha polícia em todo canto. Todo canto. Aquelas armas gigantescas de filme. Os carros brancos e azuis, com sirenes altíssimas. Os policiais vestidos de preto, armados até os dentes.

Depois de uns 2 dias, eu já não tinha taquicardia por medo da polícia. Eu já me sentia protegida. Andava nas ruas sem estar abraçada com a minha bolsa. Ela ia solta, pendurada no meu braço!

Como é boa a sensação de estar protegida. Sim. Pode dar errado. Mas acho que não iam rir da nossa cara. E assim foi também na maratona.





Enquanto iam para a largada, voando o céu o tempo todo. Helicóptero de exército. Helicóptero de bombeiro. Helicóptero de tudo. De repente, seu pai soltou: um sniper! Nossa!

Tinha um cara lá no alto do prédio, tipo esses que a gente vê em filme e nunca imagina que vai ver ao vivo.

Caracaaaa! Eu tava sendo protegida por um sniper!

E eu virei fã da polícia dos EUA. Eu sei. Tem o antecedente da maratona de Boston. E teve o caminhão que saiu atropelando pessoas uns dias antes. Provavelmente, muita gente estava com medo de um atentado na maratona mais famosa do planeta.

Mas foi nessa maratona que eu tirei o chapéu pros EUA.

E olha que admitir é muito difícil pra mim.

Sempre achei os americanos muito arrogantes. Já me irrita o fato de se intitularem americanos. Ora, existem 3 américas: do norte, Central e do sul. Americanos somos todos. Ele que se intitulassem americanos-nortistas. Mas não. Se autointitulam americanos e foda-se o resto. Típico de gente arrogante.

Depois disso, vem a megalomania e a xenofobia. Nada mais irritante que isso. Típico de gente que se





acha superior.

Essa era a imagem que eu tinha dos "americanos".

Mas depois de me sentir protegida, cheguei a pensar: mesmo que tenha um atentado, eu sei que eles fizeram seu melhor.

É isso eu tinha que reconhecer. Tinha que reconhecer que eles estavam ali pra nos proteger.



Foi dada a largada ao som de New York, New York, do Frank Sinatra. Não sei de onde saiu essa informação, mas o fato é que ela está em minha memória. Essa música não está em minha playlist favorita, mas acho que agora ela

vai entrar. Dancei enquanto tocava a música. A sensação foi incrível. Milhares de pessoas e 42km à frente. Todas as nacionalidades. Tinha um argentino do nosso lado – bateu uma sensação de: Oi, vizinho! Uns caras altos, brancos e loiros atrás, com sotaque diferente – deviam ser europeus. Uma mulher de turbante lá na frente. Pois é!

Ali, nós éramos todos iguais. Todos com os mesmos desafios. Todos com dificuldade à vista. Todos com os próprios monstros. Os monstros mais variados possíveis.





A corrida é individual, mas a mesma sensação de união é visível. Estão todos com medo, alguns, apavorados.

Mas ninguém deixa de sorrir ou cantar. Ambíguo. Talvez seja isso. Nós somos a união da ambiguidade. Talvez a vida seja a constatação da ambiguidade. Os polos opostos interagindo no mesmo lugar gera uma energia fenomenal.

Isso foi o que eu vi lá.

A corrida começou feliz. Ritmo lento. Ainda um pouco frio. Curtindo a paisagem.

Primeiro, veio o calor. Tirei o moletom, tirei as luvas e joguei no chão. O cara que estava recolhendo as roupas me "remendou". Como se eu tivesse sido agressiva. Eu não tinha percebido. Gritei um "sorry" e dei risada. Ele e os amigos riram também. Já virei piada nas primeiras milhas...

Coloquei o gorro pendurado na minha calça, nas costas. E pensei. Vou fazer isso pela Isabella.

Mas algumas milhas depois, isso não me parecia justo. Ainda assim, segui com o gorro e me imaginava cruzando a linha de chegada com ele na mão. Com você ali, participando comigo daquele momento minha primeira maratona.

A corrida é realmente muito longa e as dores





não tardam a aparecer. Mas eu sabia que as dores eram passageiras. Eu só precisava aguentar. Afinal, só existia um fato: a corrida TERMINA aos 42km. Ou seja, as dores terminam aos 42km.

Oras... terminam não. Elas vão continuar por alguns dias. Eu sei. Mas aí já existe repouso, existem anti-inflamatórios... E ainda assim não será pra sempre. Deve ser uns 3 dias no máximo.

Tá bom, vai. Vamos lá. Você sabe que você aguenta.

Mas nem tudo são dores...

Sim. Há flores. E muitas flores.

Flores, não. Pessoas. As ruas estavam lotadas por milhares de pessoas desconhecidas. Pois é... os tais americanos que eu julgava arrogantes e superiores. Eles estavam lá, com suas crianças e bebês, na chuva! Torcendo por nós. Gritavam frases de incentivo e apoio. Tinham até cartazes: "You can do it".

"Your body does what your mind believes". E por aí vai... Tinha umas frases engraçadas, dizendo que era melhor estar correndo do que estar trabalhando. Ou dizendo que havia cerveja na linha de chegada...

Enfim, no auge da dor, eu soltava uma risada quando via os cartazes.





Nunca imaginei uma prova como essa.

Sim. Naquele momento, éramos iguais. Éramos somente pessoas. Não importava a nacionalidade.

E aqueles americanos estavam ali, debaixo de chuva, pra nos apoiar.

Tinha música em vários pontos. Tinha banda. Tinha gente que colocou uma caixinha de som na sacada do apartamento.

As crianças ficavam enfileiradas na beirada pra poderem pegar nas mãos dos corredores.

Parecia o Brasil numa final de copa do mundo. Mas ali, a torcida não era pra só um país. A torcida era pra todos.

Naquele momento, reconheci que talvez meu julgamento de arrogância dos americanos fosse, na verdade, meu sentimento de inferioridade. Era um problema mais meu do que deles.

Porque ali, estava claro que todos temos sentimentos. E que os sentimentos são os mesmos. A intensidade pode ser variável, mas os sentimentos, a raiz é a mesma.

Essa coisa de superioridade e inferioridade só existe na nossa cabeça. Somos todos capazes. E só precisamos saber o que nos falta.





Bizarro. Nunca me imaginei me sentindo assim com relação aos americanos... Minha vontade era de abraçá-los todos.

De repente, surgiu na minha frente uma corredora, como nome nas costas: ISABELLA. Sim. Com dois L. Coincidência?

Não sei por quê, mas subitamente emparelhei com ela e soltei: Isabella é o nome da minha filha. E ri.

Ela sorriu de volta e o marido perguntou o que era. Ela contou pra ele, em uma língua que parecia espanhol. Ele sorriu também.

E. A gente faz essas coisas estranhas que resultam em sorrisos numa maratona.

Quando a gente é criança, aprende que não se deve falar com estranhos. Nesse momento eu me perguntei se a não é hora de mudar...

Segui correndo, me hidratando em todos os pontos.

Com vinte e poucos quilômetros as dores ficaram mais fortes que a alegria. Ainda era cedo, mas já estava difícil pra mim. Lembrei do gorro pendurado na minha calça. Eu tinha prometido pra mim que eu completaria essa prova pra você. Mas num determinado instante, isso parecia não fazer muito sentido. Sim, era um grande desafio. Mas era um desafio que estava me causando dor. Se você





soubesse a dor que eu estava sentindo, talvez desejasse que eu parasse. Que eu não terminasse a prova. Foi aí que descobri que eu precisava fazer por mim. Era a minha vontade. Era a minha escolha. Não era justo você carregar esse peso. Eu estava escolhendo sofrer e terminar aquela prova.

E aí, então, eu poderia escolher dividir a glória com você. Continuo dividindo essa vitória com você. Continuo te oferecendo esses louros. O gorro foi como ter um pedacinho seu comigo. Aquele pedacinho foi pra mim um incentivo. Era como se você estivesse lá, torcendo por mim, igual àqueles outros milhares de pessoas. Era você me apoiando na dor.

Enquanto eu me despedacava em dor, seu pai ainda estava inteiro. E ele tinha que diminuir o ritmo dele pra me acompanhar. E obviamente, comecei a encanar com isso. Lá pelos 30 e tantos quilômetros, eu já estava irritada e já tinha dito pra ele que se ele quisesse ir na frente, que podia ir. Eu não aguentava correr mais que aquilo. Eu podia ficar pra trás, mais devagar.

Mas ele não foi.

E no fundo, tava difícil pra mim entender isso. Eu não sei se eu queria que ele fosse. Mas eu estava





dizendo pra ele ir. E quando ele ficou, metade de mim ficou feliz e a outra metade se irritou. Não dava pra entender aquilo que eu estava sentindo... Foi então que resolvi buscar a raiz da irritação. A verdade é que eu estava me sentindo um peso. Eu achei que estava atrasando a vida dele.

Essa é uma sensação que eu evito a todo custo. Odeio sentir que sou um peso pra alguém. Odeio que sejam um peso pra mim.

E quando constatei isso doeu. Doeu lá no fundo do peito, como se meu coração fosse esmagado. Deu uma bola na minha garganta, que me faltou ar, com sensação de morte iminente. Inspirei umas 3 vezes, profundamente, mas a sensação era de que o ar não passava. Eu sabia que era histeria. Sabia que era psicológico. E sabia que ia passar.

E passou. Assim. Do nada.

Voltei a respirar normalmente e me perguntei de onde vinha isso. Se eu já tinha sentido isso antes.

Sim. Já senti. Na verdade, parece que carrego esse sentimento quase uma vida toda. Eu me sentia um peso para os meus pais. Sempre achei que eu era tão pesada, que acho que não tinha coragem de pedir mais coisas pra eles pra





não pesar ainda mais. Nunca tinha me dado conta disso. Achava que eu não pedia porque eu era boa. Mas na verdade é porque eu me sentia um peso.

Meu Deus. Como dói constatar isso. Choro só de lembrar. E aí percebi que venho reproduzindo isso. Às vezes, no casamento. E às vezes, com você, minha filha. Provavelmente já fiz com que você se sentisse um peso.

E quando a gente se sente um peso, não consegue se sentir amada. Eu me sentia um problema. E transferi isso pra você também. E, naquele momento, estava transferindo para o seu pai.

Ele disse que ia ao meu lado. Ele disse várias outras coisas que eu não guardei. Acho que mal ouvi. Porque eu estava me consumindo, me achando o problema da vida dele, o atraso da vida dele, o peso que ele ia carregar nas costas. E me dava raiva dele, mas a verdade é que eu estava com raiva de mim.

Aí, fui para o outro oposto. Tentei me convencer de que ninguém é um peso pra ninguém. Que essa história de peso não existe. Mas não funcionou. Afinal, eu tinha acabado de constatar que existia sim aquela sensação. E de que era mais dolorosa do que eu imaginava. Não dava pra fingir que aquela dor não





existia.

Só tinha uma saída. Aceitar.

Aceitar que eu posso ter sido um peso sim. Em alguns momentos, eu fui! Fui um peso financeiramente. Fui um peso emocionalmente, quando bati de frente ou desobedeci. Pois é. Fui um peso.

Engracado. Escrever isso - escrever: fui um peso, traz lágrimas ao meu rosto. E traz suspiros. Uns suspiros estranhos que vêm lá do fundo, um ar que precisa sair a qualquer custo.

Algo que estava guardado no peito, reprimido, mas que precisava sair.

E junto com tudo isso, vem um alívio.

Uma sensação de que não fui só um peso. E só consigo entender isso agora, minha filha, graças a você.

Foi pensando em você que consegui perceber que eu não me resumia a isso. Eu não me resumia a um peso.

Sim. As vezes você é um peso. Mas a imensa maior parte do tempo, você é a luz em minha vida. Você é o mais puro amor.

E foi assim que todo aquele peso saiu das minhas costas. Foi mais uma vez aprendendo com você sobre o verdadeiro amor...





Foi assim que nos últimos 3 km finais, acreditei nas palavras do seu pai quando ele disse que gostava de correr do meu lado. Foi assim que deixei de duvidar e passei a acreditar no amor.

O meu amor por você é verdadeiro. E a partir do momento em que constatei que ele existia, todos os outros existiam também.

Foi assim que corri mancando os 3 últimos km, porque a dor no tornozelo não me deixava encostar o calcanhar no chão.

Foi assim que atravessamos a linha de chegada, da nossa primeira maratona, de mãos dadas, sem ter feito nenhum treino longo.

Foi assim... Foi com seu amor extraordinário que consegui minha vitória extraordinária...

Depois de cruzarmos a linha de chegada, seu pai e eu nos abraçamos e nos beijamos. Depois de 42 km correndo, não há abraço e beijo mais limpos que esses. Existe uma diferença importante entre as dores físicas e as dores da alma. E a gente descobre isso durante uma maratona. Ou às vezes descobre durante a vida mesmo. Pra mim, fica mais nítido durante esses desafios não sei como é pra você...





Talvez você nem saiba ainda... Não sei. Mas eu queria te contar sobre mim. Sempre tive uma tolerância alta à dor. Não sei se é porque eu odiava gosto de remédio e os remédios de criança eram sempre líquidos. Então a solução da minha vida era aguentar a dor física pra não ter que tomar remédio. Com febre era a mesma coisa. Eu aprendi logo a reconhecer os sinais: tinha frio enquanto os outros estavam com calor ou um cansaco que não permitia acompanhá-los. Lembro de uma vez que me enrolei no cobertor embaixo da cama pra ninguém ver. Ai quando me chamavam eu saia correndo de lá (mas eu tinha que esconder o cobertor pra ninguém desconfiar da febre). Uma vez cheguei a desmaiar. Ainda lembro como se fosse hoje.

O fato é que aprendi a aguentar a dor física muito bem. Não tomei nenhum comprimido de analgésico depois da sua cesárea e nem depois de pôr silicone. Fazia parte de mim aguentar a dor.

Na maratona, as dores físicas são bem intensas. E várias vezes tive vontade de desistir. Muita vontade mesmo. Tipo: pra quê? Pra que aguentar essa dor? Senta e descança. Tá querendo provar alguma coisa pra alguém? Você não precisa disso. Desiste. Assim a dor passa logo. Larga mão desse sofrimento. A vida já é difícil demais





pra você ficar arrumando mais sofrimento ainda.

Mas o meu outro lado não queria. Ele sabia que chega uma hora que a dor acaba. Um lado que gosta de se sentir capaz. Que gosta da sensação de dever cumprido.

O ruim não é a dor física. O ruim são esses dois lados brigado o tempo todo, até o final. Eles ainda persistem num cabo de guerra.

Dessa vez, eu quase desisti. Eu me dei o direito de desistir. Várias vezes. Eu caminhei alguns passos, na velocidade que seu pai corria.

O engraçado é que achei que não conseguiria voltar a correr. Porque as dores se intensificam.

Mas não dessa vez. Não sei como voltei a correr. Eu já estava mancando, só conseguia pisar com a ponta do pé direito. O estranho é que eu ia mais rápido assim do que pisando com o calcanhar. Fiquei com medo de sobrecarregar o tornozelo esquerdo. Mas ele parecia estar inteiro.

Foi quando seu pai pegou minha mão e avistamos a linha de chegada. Sim. Meu tornozelo esquerdo aguentava...

Depois que nós nos beijamos, eu chorei. É engraçado. Não chorei em nenhum momento pelas





dores físicas. Mas chorei de emoção.

Mais uma dualidade.

Geralmente associo choro com tristeza.

E sempre evito chorar.

Mas o choro de emoção... Ah! Esse eu acho lindo.

Acho lindo quando os noivos choram no casamento. Acho lindo quando os atletas choram quando ganham uma competição. Acho lindo quando as pessoas choram em reencontros.

Pra mim, é a materialização da emoção.

Geralmente eu choro junto!

E se te conheço bem, você provavelmente vai chorar junto também!





Seu pai me fotografou naquele momento. Até postei a foto. E um choro de sofrimento e de alívio. E um choro bem humano. Achei justo que ele ficasse documentado entre tantos momentos felizes.

E mesmo assim, apesar do choro, do sofrimento e do alívio, havia também alegria ali.

Pois é. A tal da dualidade.

E em 42km, a gente deixa tanta coisa pra trás, deixa tanta coisa no caminho (afinal, só dá pra carregar o necessário!), que termina a prova se sentindo leve... Eu diria que o espírito chega a flutuar!

Enquanto eu chorava, peguei o gorro, que ainda estava preso na minha roupa toda encharcada. E. Parece que foi de propósito. Choveu em praticamente mais da metade da prova. Acho que foi para literalmente lavar a alma.

Levantei meu braço no alto, com o gorro na mão e, aos prantos, posei pra foto. Aquele era o nosso momento. Foi como se você estivesse me esperando naquela linha de chegada. Aquela foto foi o nosso abraço. Era eu, mão tentando deixar minhas teias de aranha e minhas sombras pra trás, pra te dar um amor limpo e puro.

E. Nem sempre a distância afasta.

Às vezes, ela aproxima.





Quase me esqueci de pegar a medalha.

Pegamos as medalhas, tiramos as fotos oficiais, recebemos uma manta térmica e fomos andando em direção à saída.

Eu diria que nos arrastávamos.

Milhares de pessoas andando com dificuldade, com frio. Os médicos passavam perguntando se precisávamos de ajuda.

Ah! De novo a dualidade!

As pessoas resmungavam de dor. Eu, principalmente. Mas tínhamos um sorriso no rosto que simplesmente não saía. Seu pai estava radiante. Havia um brilho diferente nos olhos. Existia uma felicidade compartilhada. Sim. Após uma prova individual!

E. E aquela hora em que a gente admite que quando tudo parece não fazer o mínimo sentido, a gente percebe que simplesmente sentir é o que faz sentido!

Estávamos com dor e com bastante frio. Queríamos voltar logo para o hotel e eu já não aguentava dar nem mais um passo. Não aparecia nenhum táxi, mais tinha uma espécie de "carruagem" puxada por um cara numa bicicleta. Pegamos a primeira que tinha na frente. Fomos conversando com o "motorista". Perguntei se ele era de





Nova Iorque e ele já soltou: "Ninguém que mora em Nova Iorque é de Nova Iorque!" E deu risada. Contou que era turco. Engraçado. Parece que já ouvi essa frase em algum filme. Ele era muito agradável. Educado no trânsito, mas se esforçava bastante pra chegar logo. Pedalava rápido! E olha que ele cobrava por tempo! Foi o suficiente pra pensar que ele era honesto. A volta foi divertida. Ainda paramos na Times Square, o que rendeu mais algumas fotos. Espero que você as veja algum dia... Daria cena de filme romântico! Sempre adorei filmes românticos. Comédias românticas. Dessa vez eu me senti vivendo uma delas! É como trocar a ilusão pela realidade! E puxa... A realidade acaba sendo muito melhor que a imaginação!





Chegamos ao hotel. Meu Deus. 90 dólares custou essa volta. Mas era esse o valor mesmo... Se uma pequena vultinha era 15 dólares, todo aquele tempo que levamos... era caro! Mas é engraçado... Sabe que não doeu? Chegamos a ter a sensação de que tinha sido bem pago. Voltar de taxi definitivamente não teria tido todo aquele charme; acho que não teríamos desfrutado tanto. Não teria tido o romantismo... Sei lá. Tem coisas que simplesmente valem a pena. E nessas horas, o dinheiro, o valor material acabam perdendo o sentido. E quando isso acontece, ao invés de ter raiva por ter pagado caro, ao invés de nos irritarmos, dá aquela sensação de que pagaríamos de novo só pra ter aquele momento de volta.

O fato é que felicidade plena é um estado de espírito que não é afetado por coisas mundanas.

A felicidade é capaz de transformar as coisas ruins em coisas boas, assim como amor pleno.

É energia que nos faz ver além. Está além do apego, das contas, dos cálculos.

Naquele momento, o mundo era verdadeiramente multicolorido.

Subimos para o quarto, tomamos banho e descansamos alguns minutos. Eu, que achava que iríamos desmaiar, de





repente, me senti revigorada.

Nosso tempo era curto, afinal voltariamos para o Brasil no dia seguinte, após o almoço.

E eu tinha visto uma loja de brinquedos enormeeee outro dia! Além disso, também tinha visto uma loja de livros com um aspecto meio artesanal, mas estava fechada quando passamos na frente. Eu queria voltar lá de qualquer jeito. Ela ficava num Parque muito lindo e romântico!, o Bryant Park (coincidentemente foi também uma sugestão do nosso motorista turco da carruagem, que quase não acreditou quando contamos que estávamos juntos há 17 anos! Sim! Porque eu pareço muito nova... KKKKKK...).



Fomos primeiro ao Parque. Como estava lindo! E a loja... aberta! Quanta sorte! Quase dancei de tanta alegria! Eram muitos livros, várias capas... Eu poderia escrever em todos! Eu queria os maiores, mas minhas capas preferidas eram as dos livros pequenos. Escolhi 2 grandes e foi aí que tive uma baita ideia. Escolhi





um pequeno pra levar pra você. Pra nós começarmos a escrever juntas todos os dias, à noite. Na capa, uma borboleta. Não poderia ser diferente. Ambas temos um verdadeiro encanto pelas borboletas. Me lembrei do dia em que fomos a um Borboletário, e uma borboleta pousou bem no meu nariz! Eu parecia uma criança encantada com todas elas! Uma delas pousou no seu dedo também! Ah! Nos divertimos naquele dia! Não tive mais dúvidas para escolher nosso livro.



Ainda peregrinamos pela loja de brinquedos, onde fiz a festa! Tinha pogobol, tartarugas ninja, maquiagem, hatchimals. Tudo o que você gosta.

Paramos pra jantar e voltamos ao hotel.

No dia seguinte, na Segunda-feira, arrumamos a mala e demos uma volta. Nada demorando, afinal tínhamos uma reserva

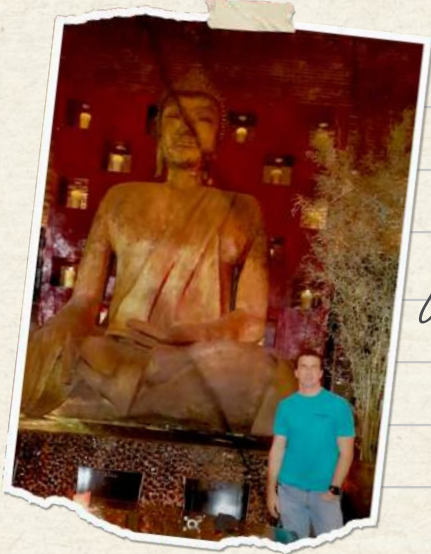
para o almoço num restaurante asiático chamado Tao, indicado por uma prima do seu pai. Desde o primeiro dia





queríamos ter ido lá, mas sempre algo dava errado e acabávamos postergando.

Descemos na frente do restaurante e a entrada era meio estranha. Acharmos que estava fechado. Mas não fazia muito sentido, afinal, eu tinha recebido a confirmação da reserva. Insisti e conseguimos abrir a porta. Noooooossa! Já tinha um Buda com uma "cachoeirinha" logo na entrada. Como esse barulho de água acalma né? Os orientais adoram essas cachoeirinhas... E. Eles realmente devem saber que esse barulho acalma. Fiquei com vontade de ter uma cachoeirinha dessa em casa. Se bem que deve juntar lodo... Sei não. Depois eu penso nisso.



Fomos recepcionados e levados a um salão maior. Meu Deus!!!

Tinha um Buda GIGANTESCOOOOO lá. Em 2 segundos seu pai pediu uma foto com ele. Geralmente ele tem vergonha dessas coisas. Achei engraçado ele lá fazendo pose com aquele Buda. Eu gosto quando





ele faz essas coisas.

A comida era muito Boa. Coisa de outro mundo. Foi pra fechar com chave de ouro! Melhor lugar que comemos em Nova Jorque!

Muita coincidência ter sido nosso último lugar, pós maratona, com um Buda. Tudo combinava. E foi uma decisão de última hora!

E. Se tivéssemos planejado, com certeza não teria sido tão perfeito!

Chegamos em cima da hora pra pegar nosso transfer para o aeroporto.

Geralmente eles pedem que a gente chegue com 3 horas de antecedência. Como o transfer tinha horário, chegamos com umas 4h de antecedência.

Fizemos todos os procedimentos necessários, despachamos as bagagens, fomos revistados, tudo OK.

Ainda havia uma espera longa.

Mas as horas passaram rápido.

Chegou a hora de embarcarmos, mas parece que algum avião que ia para o Texas teve problemas na pista e nosso voo ia atrasar. O problema é que tínhamos escala em Chicago. Mas ficamos tranquilos porque compramos tudo diretamente pela United. Sendo assim, acreditamos que a





responsabilidade era deles. No entanto, começou a atrasar muito.

Tinha uns 20 minutos de atraso. Seu pai achou melhor avisar. Procurou uma atendente e informou o ocorrido. Perguntou se não teríamos problemas. A mulher, pouco educada, disse que não poderia trocar o voo naquele momento e disse que teríamos que esperar.

Passados mais uns 20 minutos (já com 40 minutos de atraso), outros passageiros foram até o quichê questioná-la também. Ela pegou o microfone, disse que eles sabiam que muitos passageiros tinham escalas/conexões e simplesmente nos pediu paciência. Pois é. Paciência.

OK. Tenhamos paciência. Nessa situação, acreditamos que ela tinha pedido paciência porque estava procurando uma solução para o problema.

Só que não.

Bom, nós fizemos nossa parte e exercemos a paciência.

Fizemos a conta e nosso voo chegaria às 21:10 em Chicago. Exatamente no horário que saía o voo para o Brasil. Já nos imaginamos saindo e sendo conduzidos na correria de um avião para o outro. Afinal, se eles estavam cientes do atraso e da nossa escala, e a colega atendente mal-humorada anunciou o microfone,





o quanto eles estavam cientes, acreditamos que não haveria problemas.

Mandei um áudio pra você no celular da sua avó, dizendo que já estava voltando e que nos veríamos no dia seguinte. Eu já estava ansiosa pra te ver. A saudade estava grande demais.

Embarcamos. Voo curto. Chegamos logo a Chicago. Não tinha TV, então aproveitei pra te escrever.

Descemos no aeroporto de Chicago e estranhamos quando não havia ninguém pra nos orientar. 21h10'. Estava no horário. Havia outras pessoas. Não é possível. Eles sabiam. Iriam esperar.

Não. Não esperaram.

Fomos orientados a procurar um guichê da United. OK. Vão nos colocar em outro voo.

Foi aí que as coisas começaram a dar errado...

O atendente mal-humorado (puxa... mau humor é pré-requisito pra entrar na United?) nos informou que só tinha voo no dia seguinte à noite e só chegaríamos ao Brasil na hora do almoço na quarta-feira.

Tipo... Como assim???

Eu tinha pacientes agendados terça e quarta! Agenda cheia! E seu pai também!





Como assim não tinha outro voo? Nenhuma outra escala? Nada? Que palhaçada é essa? Então porque não nos avisaram em Newark? Lá tinha outros voos! Porque não nos puseram em outro voo?

Lembrei daquela vaca da atendente pedindo paciência no microfone. Fiquei muito irritada! Só se fosse aquele buda gigantesco do restaurante pra ter a paciência necessária com vocês!

E agora? Onde vamos dormir? E as malas?

O cara das malas já foi embora. Fecha às 21h. Só amanhã. E nos entregou um papelzinho para termos desconto no hotel. Algo bem do tipo: Se vira mané.

NOSSA. Desejei que o atendente fosse um João Bobo e me imaginei socado a cara dele e aquela barriga gorda até a morte.

Discutimos, discutimos, e obviamente eles já tinham ligado o foda-se há tempos.

Lembrei de você. Eu só te veria na quarta-feira. Desejei que o Bin Laden fosse vivo e explodisse a cabeça do atendente e daquela outra vaca de Newark. Ou melhor, que explodisse a United.

Não tinha outro jeito. Só restava aceitar. Fomos para o hotel - 139 dólares. Palhaçada.





A recepcionista do hotel perguntou se perdemos o voo. Contamos toda a história. Ela fez uma cara de piedade e se desculpou. Caramba... a raiva passou. Rimos. Contamos que o voo era à noite. Ela estendeu nosso check-out até 15h da tarde.

Ainda tava ruim, mas a raiva tinha passado. Foi aí que percebe a diferença.

Empatia. Ela havia sido empática. Ela chegou a se desculpar por algo que não era culpa dela. Ela entendeu nosso sofrimento. E como se ela tivesse tido a capacidade de se colocar em nosso lugar e sentido que estava difícil pra nós. E assim, sem que nós precisássemos pedir, ela tentou fazer o que podia, estendendo o nosso check-out.

Seu pai e eu conversamos muito sobre isso depois. A gente sabe o que é empatia, sabe como funciona, mas tem dias em que nossa empatia é zero. E tem dias em que conseguimos ser super empáticos. E quando somos empáticos, as coisas fluem muito melhor pra todo mundo.





A gente escuta mais e se defende menos. A gente reage menos. A gente acolhe mais.

Mas por que será que tem dia que não conseguimos ter nenhum pouco de empatia?

Não sei... Ainda não consigo responder isso...

Já vi muita empatia em você... Ontem, quando entrei no quarto, você estava chorando junto com os personagens do desenho que você chorou quando descobriu que os dinossauros haviam sido extintos. Você dizia: mas coitados... não tem nenhum com amigos?

E nessas situações, às vezes consigo te acolher. Às vezes, não. E isso depende da minha empatia.

O mesmo vale para o seu pai e eu.

Quando estamos empáticos, reagimos como a moça do hotel. Conseguimos escutar e acolher. Às vezes, até ajudar.

Quando não estamos empáticos, parecemos os atendentes da United. Escutamos com desprezo ou agressividade. Ai, já era. E um Deus nos acuda. Sim, Eu acho que o mundo seria muito melhor se conseguíssemos ser empáticos o tempo todo. Não tenho dúvida disso.

Mas é bem complicado... ainda não sei direito porque entro no modo reativo. Nem como entro nele. E





muito menos como saio dele. Quando percebo, já entrei nele e estou no meio da confusão. E daí parece um caminho sem volta.

Eu sei. Dá pra mudar. E aos poucos. E precisa exercício.

Puxa. Ai vem a ansiedade. Eu quero mudar logo.

Melhorar logo. Resolver logo. Quero tudo pra ontem. Ou então quero do dia pra noite. É difícil esperar.

Outro dia nasceram uns filhotinhos de uma cachorra Shitzu de uma amiga minha. E convenceu seu pai a deixar você ficar com um filhotinho. Foi bem trabalhoso convencê-lo. Você sofreu e se esforçou bastante para conseguir. Ai, quando você chegou para ver os filhotes, descobriu que ainda não poderia levar para casa. Eles ainda eram



recém-nascidos, estavam mamando e ainda não tinham sido vacinados. Você teria que esperar de 30 a 50 dias.

Você se desesperou...

E por mais que eu te explicasse, parecia que você não ouvia. Você só conseguia pensar que o número 30 era grande demais. Se contar até

30 já era demorado (você ficava tentando contar de 1 a





30 pra ter uma noção de quantos dias eram), imagine esperar 30 dias...

Eu entendi seus sentimentos naquela hora. Eu sei que a espera é dolorida. Mas quanto mais você lutava, mais dolorido ficava. E perdida na ansiedade, fica difícil achar a solução.

No dia em que perdemos o voo, também foi assim. Eu fiquei lá, esperneando, morrendo de vontade de xingar o atendente, de deitar no chão e me debater como uma criança birrenta, de quebrar o quichê... Mas o fato é que nada disso iria resolver.

E quanto mais eu me irritava, pior era pra mim. Quanto mais eu pensava no número de pacientes doentes que ficariam sem consulta, quanto mais eu pensava que teria que esperar mais um dia pra te ver, mais revolta eu sentia.

No entanto, depois de muito respirar fundo, cheguei à conclusão que só me restava aceitar. A merda já tinha sido feita pela United e a solução disponível era aquela.

Resolvi fazer o que estava ao meu alcance. Pedi para desmarcarem os pacientes e reagendarem.

Mandei um video para sua avó te mostrar, onde eu explicava que tinha perdido o voo. Tomei um bom banho quente no hotel e sai com seu pai para jantar.





Pesquisamos o que fazer em Chicago. Afinal, teríamos um dia inteiro lá. Encontramos um Outlet perto do aeroporto, onde compramos alguns presentes que faltavam, achamos umas calças jeans com bom preço e uma pantufa do Banguela (pra mim e pra você).

A noite, conseguimos pegar o voo.

Me deu aquela sensação: Brasil, tô chegando!

Depois, pensando sobre tudo isso, entendi quando dizem: E se a vida te der um limão, faça uma limonada.

Sim. Eu também prefiro um suco de morango. Mas na falta do morango, a gente se vira com o que tem! E nesse caso, foram só limões mesmo!

E as coincidências continuam...

Sempre que pegamos algum voo, seu pai e eu temos o hábito de escolher o mesmo filme. Não sei por quê... mas fazemos isso automaticamente. É bom porque depois acabamos comentando sobre ele.

Dessa vez, escolhemos o filme sobre o atentado na maratona de Boston. O filme é muito bom e, no final, nos faz pensar sobre essa capacidade de fazer a limonada com os limões que nos aparecem. O que muda é só o grau de dificuldade.

É emocionante ver como uma tragédia pode mudar





tanto a vida das pessoas, e como tem gente que tem a capacidade de se recuperar e seguir em frente.

Eu adoro aprender. E quando vejo essas pessoas, imagino o quanto ainda preciso aprender...

E. O caminho é longo...

Não vou contar o filme... Vou deixar que um dia você assista. Quem sabe a gente não vai sentar juntas um dia e refletir sobre isso?

Desejo que sim...

Lembrei de uma cena curiosa que vi enquanto andávamos à procura do Bryant Park. Seu pai e eu estávamos andando na calçada e, de repente, percebi um casal na nossa frente. Eles estavam de mãos dadas, as mãos meio que balancando juntas... e se olhavam meio que sorrindo, meio dando risada. Eu vi a cena de relance e achei muito bonita. É bonito ver um casal feliz. Seu pai e eu estávamos andando lado a lado, meio distantes. Olhei de novo o casal.

Opa! Eram dois homens! E de meia idade! Deviam ter uns 50 anos.

Primeiro eu achei meio estranho. Já não é muito comum ver homossexuais andando de mãos dadas assim tão espontaneamente... E as poucas vezes que vi,





eram jovens. Nunca tinha visto pessoas mais velhas se assumindo dessa forma, meio que naturalmente.

Meu estranhamento passou rápido... Afinal. Parecia tão nitido que havia amor ali... e amor não é estranho...

Meu estranhamento era preconceito. Tive que reconhecer isso pra mim mesma, e te digo que não foi fácil. Espero sinceramente que sua geração seja menos preconceituosa que a minha.

Mas fiquei pensando sobre isso. Achei bonito eles conseguirem assumir o amor. Eles tinham esse direito. Em momento algum foram hostilizados. Nova Jorque me surpreendeu de novo. A liberdade tem uma beleza única.

Ai me lembrei das meninas que jogam futebol comigo. Nós sabemos que tem várias homossexuais. Elas vão juntas, mas não se tocam. Não se abraçam, não se beijam. Não as vejo andando de mãos dadas. Tive um professor de biologia que era casado com o diretor de uma escola. A cidade inteira sabia. Mas eu nunca os vi juntos.

Quando pensei nisso, me entristeci. Desejei, do fundo do meu coração, que um dia todos eles pudessem assumir o amor. Assumir assim, na frente de todo mundo, como iguais. Como aquele casal que estava andando na minha frente.





Eu entendo que deve ser difícil. Eles devem ter medo. Podem sofrer muito caso assumam. Tem gente que pode perder o emprego. Podem apanhar na rua. Talvez sejam apontados. Não tenho dúvida disso.

Mas fiquei pensando que eu queria que um dia eles soubessem o quanto eu achei bonita aquela cena. Eu tinha visto simplesmente um casal. Simplesmente amor. Eu preferia um casal homossexual de mãos dadas, feliz do que um casal heterossexual andando separados e mal-humorados. Eu queria que soubessem que, naquele momento, desejei que todos os homossexuais pudessem se assumir, independente da idade, da profissão ou de qualquer outra coisa. Que pudessem desfrutar de um amor livre e não escondido, assim como nós heterossexuais podemos (e às vezes não usufruimos).

Eu acreditei, de verdade, e ainda acredito, que um dia isso ainda será possível. Aquela cena foi o meu sinal.

Engracado como uma cidade que acolhe a todos dessa maneira, possa ter sido alvo de tanto ódio no atentado de 11 de setembro.

O fato é que o ódio existe. Tem ódio aos americanos. Ódio aos homossexuais. Ódio aos negros. Ódio aos ricos. Ódio aos pobres. E por aí vai... tem ódio a tudo.





E quando alguém nos odeia, tendemos naturalmente a odiar de volta. Uma onda sem fim.

Mas se pararmos pra pensar, isso não tem funcionando... Afinal, o ódio persiste.

Fiquei pensando... será que não tem uma outra maneira? Eu vejo amor puro em você. Você não vê diferença entre as pessoas por causa da cor, ou da religião, ou da orientação sexual, ou da maneira de se vestir...

Será que isso não é algo criado ao longo da vida? Não sei.

Será que não existe outra maneira de combater o preconceito, a maldade?

Tem que ser com arma? Tem que ser na mesma moeda? Tem que ser por imposição?

Não sei. Mas acho que quando é na mesma moeda, não funciona.

Alguém tem que fazer diferente... Alguém tem que mudar...

Eu sei que leva tempo.

Talvez com educação? Psicologia?

Mudar é difícil. Requer esforço. Requer conscientização. E preciso assumir a própria culpa...

Mas é possível. E. Eu acredito. E desejo. Desejo que o





mundo mude. Desejo que a gente faça um mundo melhor. Parece simples, se a gente não complicar...

Ahhhhhh! Não te contei do museu. Rs.

Esqueci de contar. Quando estávamos em Nova Iorque, escolhemos um museu para visitar. Havia vários. Tinha um museu da história natural, parece que tem aqueles esqueletos de dinossauros. Não! Não fomos a esse! Nós sabemos como você ama animais e dinossauros... E achamos melhor deixar esse museu para quando você viesse conosco. Então escolhemos um outro. O Met. Museu Metropolitano. Li que haviam várias obras de Arte de pintores famosos. Monet, Godin, Van Gogh, Picasso. Até eu que não entendo porcaria nenhuma de arte, sabia que eram nomes famosos.

Puxa. O museu era enorme. Não ia dar pra ver tudo. Fomos direto à procura dos famosos.



Enquanto andávamos pelas galerias, encontramos uns quadros de Picasso. Havia um pequeno, que ele pintou um negócio amarelo. Bati o olho de relance e... Nossa! Uma jaca? Parece uma jaca isso aí...





Seu pai se segurou pra não cair na risada. Picasso gostava de girassóis. Era um girassol. Você achou que Picasso pintou uma jaca?

Ah! Sei lá... Sabe quando uma jaca despenca do pé, lá do alto e cai no chão e racha ao meio? E fica lá, aberta?

Pois é. Foi isso que eu vi.

Puxa. Espero que Picasso não tenha se ofendido com a minha confusão...

Mas o pior é que desde que imaginei a jaca, não consigo ver outra coisa naquele quadro. Pra mim, aquilo passou longe de ser um girassol... Só enxergo a jaca.

Será que Picasso já viu uma jaca na vida dele? Provavelmente não...

Ah! Mas eu já vi!

E vi de novo, no quadro dele!

Sinto muito, Picasso!

Entre uma jaca e um girassol, a jaca se sai um bom alimento.

Não creio que seja uma ofensa tão grande, você acha? Continuamos pelo museu.

Passamos por estátuas famosas de Godin. Tinha uma bem famosa. O Pensador. Logo essa. Logo eu que sou





puro pensamento. Fotos clássicas – o pessoal imitando a estátua! Rs.

Nosso tempo estava curto e só dava para escolher uma única ala. Escolhemos a do Egito. De cara, na entrada, um sarcófago de outro.

Pensei: tem gente que não perde o glamour nem MORTA! Literalmente.



Difícil entender a cultura. Pra mim morreu, tá morto! Aquele outro todo é um desperdício... Queria alguém que me ensinasse qual o sentido daquilo. Enfim... fiquei com a dúvida.

Antes de irmos embora, seu pai foi ao banheiro e fiquei sentada num banquinho, do lado de uns chineses. Fiquei olhando aquele silêncio todo, as coisas todas intocáveis dentro daqueles vidros.



Tipo... fiquei pensando... é interessante tudo aquilo. Deve ser bem interessante aprender história vendo todos aqueles objetos...

Mas pera lá... Museu é muito chato! Isso aqui é uma PUTA CHATICEEEEE!! Não dá!





pra falar, não dá pra tocar em nada... Tá explicado porque existem mais shoppings do que museu.

Ninguém merece esse ambiente!

Já pensou que legal se a gente pudesse tocar, fotografar... Se tivessem pessoas de verdade, historiadores, pra responderem nossas perguntas... Afinal, surgem tantas perguntas... Afinal, surgem tantas perguntas enquanto olhamos todos aqueles objetos!

Alguém que contasse a história da vida do pintor e todas as teorias por trás das telas amarelas...

Mas não... Parece que os museus pararam no tempo, assim como todos os objetos dentro dele...

Desejei que um dia os museus se modernizem. Ou que ao menos associem um pouco de diversão... Sei lá... Quem sabe um dia né?

Mas toda essa coisa de museu me remete ao passado. Eu sei. A gente não consegue mudar o passado. Eu já desejei muito com isso também. Já quis eliminar pessoas da minha história. Já tive muita vergonha por atitudes do meu passado, que eu queria ter apagado. Ai ai. Só sofri com isso.

Um dia eu entendi que não podia mudar o passado. E se não dava pra mudar, minha única opção era aceitar.





Alguns erros serviram pra eu aprender alguma coisa. Outros, acho que não serviram pra nada. E tudo bem. Por fim, aceitei tudo do jeito que aconteceu. É bem difícil, porque tem coisa que me dá raiva, tem coisa que dá tristeza, ou vontade de chorar. E essas coisas, a gente quer evitar a todo custo. Quer fingir que não aconteceram, que não existiram.

Mas o fato é que aquilo que somos hoje, é resultado de absolutamente tudo o que aconteceu no nosso passado. E quando falo tudo, é tudo MESMO. Tudo de bom e tudo de ruim. Não existe absolutamente ninguém que tenha fatos somente felizes por toda vida. Não tem jeito.

E quando consegui chegar a essa conclusão, parei de olhar pra trás. Comecei a olhar pra frente. O que eu gostaria de fazer com toda aquela bagagem. Como eu transformaria o meu sofrimento em algo bom. Qual sentido eu iria escolher dar pra tudo aquilo?

Eu ainda não tenho a resposta formulada pra tantas perguntas. Eu gostaria de ter todas essas respostas pra você. Mas não tenho.

O que posso te dizer é que desde então eu tenho tentado fazer o meu melhor. Nem sempre ele é suficiente. Às vezes, mesmo me esforçando muito, parece





que ainda sai tudo errado. Mas às vezes, eu acerto.
E quando eu acerto, vale muito a pena.

Então, continuo tentando...

Isso é o que eu gostaria de te ensinar.

Isso é o que eu gostaria que você aprendesse comigo.

Dê o seu melhor. E ligue o foda-se caso isso não seja suficiente... Isso só diz respeito a você e não aos outros...

Chegamos ao Brasil na quarta-feira, na hora do almoço. Bem no dia em que eu e seu pai trabalhamos em cidades diferentes. E estávamos com um carro só no aeroporto. Liguei para seu avô me buscar. Como sempre, ele chegou pontualmente. Voltamos pra Pouso Alegre e ele ia me deixar em casa quando percebi que a chave de casa tinha ficado com seu pai.

OK. Começamos bem. Liguei pra Fernanda, nossa funcionária, e ela já tinha ido embora. Buscamos a chave com ela. Seu avô me deixou em casa. Tudo o que eu queria era um banho, mas já estava tarde. Eu precisava ir ao trabalho e te buscar na escola. Prendi meu cabelo oleoso e peguei um jaleco. Entrei no carro e dei a partida. Nada. Nenhum barulho.





Até eu que sou uma analfabeta em mecânica imaginei que fosse a bateria. Putz. E agora? Bem que aqui podia ter Uber. Não tem.

Liguei pro seu avô: Pai, me socorre.

Em dois minutos, ele chegou.

Fizemos o carro pegar no tranco. Ele achou melhor eu ficar com o carro dele. Como sempre, ele, preocupado, fazendo o melhor papel de pai possível.

Quando eu estava quase chegando ao meu trabalho, seu avô me ligou: Pri, o carro morreu e não pega de jeito nenhum.

Voltei para socorrê-lo.

Definitivamente, o dia não estava indo bem...

Deixei ele na casa dele e fui para o trabalho. Resolvi o necessário e fui te buscar na escola.

Fiquei parada na porta, bem na porta, te esperando...

De repente, você apontou no portão!

Meu Deus, quanto tempo! Parece que você cresceu! Fiquei te observando sair com sua mochilinha, toda graciosa... Você ainda não tinha me visto...

Não aguentei e gritei: Biju!

Você levantou a cabeça em direção ao portão e me viu.





Abriu o sorriso mais lindo e veio em minha direção.

Te peguei no colo, abracei e você enroscou as pernas e braços em mim.

Te abracei ainda mais forte e te beijei sem parar.

Quando percebi, você também estava tão feliz, que espremia seu rosto no meu.

Soltei. Que saudade eu estava de você! E você emendou: eu também senti muita saudade de você. E não saiu do meu abraço.



Dez dias depois de voltarmos de Nova Jorque, tínhamos uma viagem para a Serra da Canastra. Íamos em família, tios, avós, amigos, todos em carros 4x4.

Fico boba de ver como você encara bem essas aventuras.

Fez sua malinha, colocou vários brinquedos. Mais brinquedos do que roupas.

Você adora lichia e sempre me pedia pra comprar. Como ainda não era época, era difícil encontrar. Mas eu havia ido a SP no dia anterior, e achei num supermercado. Estava meio murcha, mas não pude deixar de comprar.

Quando já estamos na estrada, você acordou e disse





que estava com fome. Peguei a lichia.

É engraçado... algo tão simples.

Mas você soltou um grito de alegria, deu o seu sorriso mais fofo e me abraçou abruptamente. Obrigada, mamãe!

Puxa. Era só uma lichia. Mas fiquei feliz pelo reconhecimento. Fiquei feliz por ter sido a mãe que lembrou da fruta preferida da filha lá no supermercado. Fiquei feliz.

A viagem seguiu o dia todo. Muitas trilhas, um pouco de barro, um pouco de chuva.

Passamos por um lugar onde tinha um carro velho abandonado. Você perguntou o que era. Respondemos: Sucata. O que é sucata? E quando uma coisa já não serve pra nada...

Dois segundos depois você soltou: mas não era um carro? Por que não põe um motor novo? Um vidro novo? Assim ele ainda vai servir para alguma coisa...

Achei bonitinho você com suas ideias de utilidade para sucata... Adoro quando você faz perguntas e questionamentos, e ainda tenta encontrar soluções... Adoro a maneira como você sempre me surpreende.

Outro dia você tinha um dever de casa. E precisava ler em inglês. Teve dificuldade em ler "scared". Mas como tinha uma foto de uma criança apavo-





rada, você disse "afraid". Eu fiquei brava porque achei que você estava tentando me "enganar", fingindo que estava lendo. E seu pai assumiu o dever com você.

Durante essa viagem, me lembrei disso. E tentei me colocar no seu lugar. Talvez ler fosse algo difícil pra você. E você foi inteligente o suficiente pra encontrar sua própria resposta. Esse é um tipo de inteligência muito especial. A inteligência que enxerga além das regras. Que te permite fazer as coisas do seu jeito. Eu errei naquele dia. Desejo não errar mais assim.

Seguimos viagem e havia um caminho de pedras bem íngreme. Obviamente, bancamos os destemidos e fomos os primeiros a optar pelo caminho. O jipe pulou muito e nós estávamos sem cinto. E. Eu sei. Absurdo. Mas de vez em quando cometemos esses erros. Você saltou tão alto do assento, que quando caiu, machucou o pube e sentiu dor. Chorou. Peguei você no colo e dei uma olhada fuzilante para o seu pai. Mas a verdade é que aquilo era eu me culpando por você ter se machucado. Já no meu colo, a dor passou logo.

Logo depois, uma outra subida íngreme. Fiquei com medo de que você estivesse traumatizada... Mas perguntamos: Quer subir? Você soltou um longo e sonoro *simmmmm*! E. Você continua nos surpreendendo... Mas dessa vez.





todos com cinto!

Fico orgulhosa de você nessas viagens. Não é qualquer criança que se adapta tão bem...

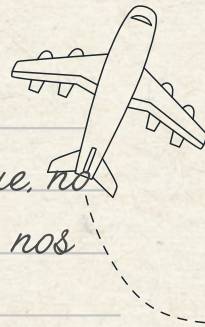
Se dá fome, come seus lanches.

Se fica entediada, vai para o tablet. Se não, olha a paisagem, os animais, faz milhões de perguntas (e a maioria não sabemos responder...), pede pra dirigir... E quando a gente se dá conta, você está se divertindo tanto quanto nós.

Espero que esses momentos fiquem em nossas memórias...

No segundo dia, visitamos a Casca D'anta. Uma cachoeira enorme. Você encarou bem a longa caminhada e o calor. Tinha chovido e a cachoeira estava muito cheia. Parecia uma espuma, segundo suas próprias palavras. E aquela espuma se espalhava e chegava até nós. Ficamos todos encharcados! Você se divertiu.





Na verdade, todos nos divertimos. O estranho é que, no dia-a-dia, fugimos da chuva. Nos irritamos quando nos molhamos...

Lá não. Lá nós nos divertimos.

Vai entender né... Ser humano é um bicho esquisito.

Ah! Mas no dia-a-dia temos outras coisas pra fazer e blá-blá-blá.

Sim. Mas o fato é o mesmo. E se molhar sem querer.

A diferença é a nossa resposta ao fato. Em uma você aceita; em outra, você briga.

Puxa... Antes que eu me esqueça. Seu pai e você viram um tucano do bico verde. Vocês dois são muito bons em observar a natureza e encontrar animais, ninhos, pássaros. Descobriram que esse tucano é mais raro e está ameaçado de extinção.

A gente se sente especial quando vê um bicho raro assim. Mas ao mesmo tempo, é triste. Pensar que poderiam haver mais desses... Pensar que em algum momento ele possa deixar de existir... Talvez nunca mais veremos um tucano como aquele. Agora entendo sua tristeza com relação ao desaparecimento dos dinossauros.

Às vezes, passa, de relance, pela minha mente, que talvez a extinção dos seres humanos seria uma bênção para o





planeta. Mas aí eu penso que estou sendo muito pessimista. E que estou generalizando. Isso seria acreditar que há mais pessoas ruins do que boas. E lá no fundo, eu me recuso a acreditar nisso. No que será que você vai acreditar?

Bom, cabe a você descobrir. Ou talvez caiba a você escolher.

Engraçado como é a vida...

A primeira vez que fiquei com seu pai, nosso primeiro beijo, foi em dezembro de 2001.

Em dezembro de 2002, ele foi a Furnas comigo. Como "amigo". E fizemos um passeio pela Serra da Canastra, justamente onde fomos agora. Na Casca D'anta e na nascente do São Francisco. Isso foi há 15 anos. Foi uma viagem divertida. Tenho algumas fotos. Foi um dia chuvoso, o tempo não colaborou, mas eu estava verdadeiramente feliz naquele dia.

Agora, 15 anos depois, estamos aqui novamente. E com você. As coisas mudaram um pouco. Ou muito.

Depende do ponto de vista.

A nascente está muito mais cheia. O parque agora tem portaria, tem banheiro. Antes, não tinha absolutamente nada. Mas a trilha continua a mesma. A cachoeira também. Mas hoje não está





chovendo como há 15 anos atrás.

Há 15 anos, eu não fazia ideia de que teria você. De que viria aqui com você. Eu não fazia ideia de tanta coisa. É bem provável que naquela época eu já pensasse bastante. Eu já devia ter umas mil preocupações. E é bem provável que nenhuma delas tenha se concretizado. Bom, naquele momento, talvez o que eu mais quisesse fosse namorar o seu pai. Ele era o meu melhor amigo. A pessoa por quem eu estava apaixonada. Eu gastava uma boa parte do meu tempo só pensando nele. Rs. Muitos sonhos não se concretizaram. Mas o principal se concretizou. Nós começamos a namorar alguns meses depois. Seis meses depois pra ser mais precisa. Sim. Eu era paciente. Na verdade, ainda sou. Eu quero as coisas pra ontem, mas se for necessário esperar, eu espero o quanto for preciso. E. Eu sei. Você deve achar isso meio estranho. Eu também acho. Mas é assim que eu sou...

E estar nesse lugar com vocês, depois de 15 anos, só faz aquela vozinha ressoar lá no fundo... Valeu a pena!

Falando em acontecimentos estranhos... Tem uma tia minha que acabou de comprar um carro 4x4. E ela foi conosco nessa viagem. Não sei por que comecei a acessar memórias de infância. Seu avô sempre conta que essa minha tia (irmã dele) sempre me levava pra passear. Temos uma





foto em que eu devia ter uns 4 anos e nós estamos tomando sorvete e usando roupas iguais! Eu adoro fazer isso com você! Temos biquínis iguais, pijamas iguais, pantufas iguais... fiquei pensando... será que vem daí essa minha mania? Sei lá. Mas deve ter alguma conexão.

Eu tenho uma ligação muito forte com essa tia. É um amor especial. Tenho a impressão de que mesmo à distância, ela foi muito importante em minha vida, em minha infância. É engraçado... ela tem um carinho todo especial por você também. É um amor que transcende gerações. Fiquei pensando: Quando você crescer, quem será a pessoa cujas lembranças te farão se sentir assim? Espero que tenha mais de uma pessoa assim em sua história...

Ah! Você não sabe!

Enquanto estávamos na Nascente do São Francisco,



você ficou olhando os peixinhos. E essa minha tia foi junto com a sogra da minha irmã até uma estátua de São Francisco de Assis. Tem a estátua e a oração de São Francisco logo abaixo. Ele é um dos meus santos favoritos. A história é muito bonita, mas a oração





dele é, pra mim, um ensinamento para a vida. Tinha que ser lida todo dia pra nos lembrar do que realmente importa. Pena que não leio todo dia... Mas quando elas foram tirar a foto, eis que surgiu um pássaro e pousou bem na cabeçada do Santo. Uma coincidência e tanto, principalmente levando em consideração que era um santo que gostava muito dos animais. Será uma coinci-

dência? Não sabemos... Mas esse é um daqueles presentes inesperados que acontecem na vida da gente. Poderia ter passado despercebido... mas não passou. E deixou todo mundo com belo e verdadeiro sorriso no rosto. E uma foto pra comprovar o acontecimento!

É. Tudo devidamente registrado... Rs.

Depois de vermos a Nascente, voltamos pra Furnas, pra dormir no rancho do seu avô. Paramos numa pizzaria, em São José da Barra, afinal passamos o dia comendo lanche. Na TV, passou uma propaganda de um filme que vai ser lançado. O tema: Choose Kind. Parece recado pra humanidade.





Seu pai viajou na quarta-feira, a trabalho. Geralmente isso acontece a cada 3 meses. E de um tempo pra cá, quando ele viaja, eu te prometo que vamos ter um tempo só nosso. E nesse tempo, fazemos o que temos vontade. Passeamos, vamos ao cinema, ficamos morgando em casa... sei lá. Qualquer coisa. O que der vontade.

Dessa vez, escolhi a ir a Campinas, na casa da Dindinha. Tinha saído alguns filmes em cartaz, um deles você queria muito assistir, e não sairia em Pouso Alegre. Eu também poderia aproveitar para dar um trato na pele no consultório da Dindinha. E poderíamos olhar sua roupa de formatura.

Quando eu te disse que íamos pra casa Dindinha, você me olhou e disse: mamãe, quando vamos ter aquele tempo só nosso?

Eu fiquei surpresa. Você queria só nós duas. "O tempo só nosso." Às vezes eu começo a fazer as coisas no modo automático... e é interessante essa maneira sutil que você tem de chamar minha atenção, de me mostrar a importância de cada momento. Você é demais. Eu sou sua fã.

Também fiquei feliz com seu comentário. Eu me senti importante pra você. E é tão bom quando a gente





se sente importante... Penso que as pessoas deveriam ser mais como você. Sim. Eu me incluo nessas pessoas. Demonstrar e falar para os outros como eles são importantes para nós com certeza faria o mundo melhor. Faria as pessoas mais felizes...

Bom, o sábado começou. Fomos para a clínica da Dindinha e fiz os procedimentos necessários. Na verdade, ela fez... rsrs... Eu só me submeti!

Saimos de lá e fomos para o shopping.

Sua formatura do Pré vai ser daqui a uma semana. E preciso comprar um vestido branco e um sapato preto pra você, porque assim a foto fica mais bonita com todas as crianças iguais. Eu já me preocupei muito com fotos bonitas e colocar vestidos chiques em você. Hoje, isso não faz muito sentido pra mim. Acho um gasto desnecessário. Gasta tempo, dinheiro. Melhor seria se nós, mães, nos preocupássemos mais com alegria, com a presença, com a vibração, do que com a aparência. Você não gosta muito dos tecidos destes vestidos. E também não gosta de usar meia-calça no calor. então peregrinei nas lojas do shopping pra você escolher o seu vestido. E esse ano vou abolir a meia-calça. Não pretendo te torturar.

Antes do vestido, fomos à loja de sapatos. Pedi os





pretos. Você experimentou, sem muita empolgação. Escolhemos o mesmo. E aí você começou a passear pela loja e achou um tênis. Um tênis branco, de unicórnio! Seus olhos brilharam!!!

Tentei resistir... Mas até eu fiquei com vontade de ter um tênis daquele. Era lindo! Era fofo! Fofo **DEMAIS!**

E. Não dava nem pra comparar o tênis com o sapato preto. Se pra mim, a diferença era nítida; pra uma criança como você deveria haver um abismo.

Puxa. Vou levar os dois.

Depois, fiquei pensando sobre isso. Que bom que eu tinha condições de levar os dois. Mas e se eu não tivesse? E se tivesse que escolher um só?

Ixi. Teria que escolher o preto pra cumprir as regras sociais idiotas.

Porque, no fundo, se não houvessem essas regras, eu levaria o de unicórnio.

Ixi. De novo. E se eu fosse a criança? Putz. Que desastre. Deve ser muito triste ter que levar um sapato preto ao invés do tênis de unicórnio. Isso deve ser quase um castigo. Uma tortura disfarçada. Afinal, que mal há em ter sapatos diferentes? É melhor estar bem comigo mesmo com um sapato diferente, do que estar com o mesmo sapato dos outros, e infeliz.





Puxa. Que situação complicada.

Cheguei a me imaginar no lugar daquela criança pedindo à mãe o tênis de unicórnio, e a mãe escolhendo o sapato preto.

Que triste. Até dói.

Ai imaginei a mãe pensando e explicando que o padrão era o sapato preto. Porém, ela só tinha dinheiro pra comprar um. Assim, explicaria que se levasse o de unicórnio, a criança estaria diferente das outras. E a mãe diria: eu gosto de você de qualquer jeito. Com o sapato preto ou com o tênis de unicórnio. Não é nenhum crime não estar com o sapato preto. Às vezes, algumas regras precisam ser quebradas. É isso que você quer?

Puxa. As coisas seriam diferentes "as regras foram feitas para serem quebradas". Lembrei dessa frase agora. Não acho que seja assim. Acredito que algumas regras foram feitas para serem quebradas.

Acho que tem regras que são necessárias. Não matar é uma regra importante. Não roubar. Se bem que até essas regras devem ser quebradas de vez em quando. Se você for atacado, talvez, ao defender-se, pode acabar matando o outro ou pode ser um acidente. Sei lá.

Enfim, eu queria a mãe que me deixasse ir com tênis





de unicórnio. Eu queria uma mãe que me avisasse que as outras pessoas poderiam estranhar, poderiam fazer comentários depreciativos, mas que isso não importaria. Que ela estaria ao meu lado, me apoiando naquela decisão.

E. Eu queria ser essa mãe.

Bom, depois do sapato fomos a uma loja de roupas. Você se encantou com um conjunto de saia e blusa. Mamãe, já posso ir com essa roupa? Puxa. Era uma roupa cara. De festa. Não vai dar. Tem que economizar essas roupas. Meu Deus. Não tem sentido nenhum isso. Roupas de festa não são usadas com frequência. Deixa ela pôr. Ela tá se sentindo bem. Tá se sentindo bonita, feliz. Deixa vai.

Ah! Mas eu tinha imaginado ela com essa roupa amanhã, quando o pai dela chegar de viagem.

Tá bom. Ela repete a roupa amanhã.

Repetir??? Já sei. Vai falar que não tem problema repetir. Ah! Mas e se sujar?

Oras. É um risco. Pode lavar. Ou vê o pai com a roupa meio suja. Qual seria o problema nisso?

E. Verdade. Tá bom.

Pode pôr essa roupa! Você está muito linda mesmo, filha.

E lá se foi ela feliz, de saia rodada, se divertindo.





pelo shopping, estranhando a roupa nova recém comprada...

Depois da peregrinação das compras, começou a peregrinação dos vestidos brancos. Escolhemos uns para você provar, e aí você soltou: Não preciso de ajuda, mamãe!

Não quis que eu entrasse no provador. Queria que eu esperasse do lado de fora. Parecia uma pessoinha independente. Engracado isso...

Você entrava no provador, colocava a roupa, e saía para me mostrar. Pra eu dar minha opinião.

Eu ainda era importante pra você, mas você, ao mesmo tempo, estava me mostrando sua independência. O mais interessante foi que não me senti excluída. Pelo contrário... Fiquei orgulhosa de você.

Sim. É bom ver que está crescendo, que está se desenvolvendo. Que está confiante em si mesma!

Aprendo tanta coisa com você... e em tão pouco tempo...

Por fim deu a hora do cinema.

Compramos pipoca, como sempre, e chegamos em cima da hora.

Você dá risada. Risada não. Gargalhadas! Adora quando as coisas não saem como o esperado. Comenta o filme!

Acho uma comédia. É divertido ver sua empolgação.

Admito que dei uma cochilada no meio do filme, e não





sei se você percebeu.

Saimos do filme e fomos à loja de brinquedos. Você adora passear na loja de brinquedos. Sonha com tudo aquilo e fala sem parar. Mas dessa vez não comprei nada. Até porque você deve ganhar alguns brinquedos de Natal.

Pensei nas crianças que não têm condições de ter aqueles brinquedos incríveis.

Puxa... Devia ter um projeto. Sei lá. Montar um lugar em comunidades carentes onde as crianças possam ir e usar alguns brinquedos daqueles. Onde possam "matar a vontade". Deve ser muito difícil ser criança, ficar olhando tudo aquilo, sem saber se um dia vai poder ter um. Ou talvez, o dia em que tiver condições, já terá crescido e não será mais uma criança...

Eu sei. Eu sei. Deve ser difícil. Deve ter gente que vai roubar. Sei lá. Mas eu divido muito que seja a maioria. Acho que se explicar que se roubar ou estragar, vai acabar, acredito que a maioria vai escolher cuidar. E não seria justo a maioria ser punida por uma minoria. Talvez isso até fosse um estímulo para que essa maioria mantivesse essa minoria longe.

Sei lá. Essa é a minha teoria...

Depois dos brinquedos, voltamos pra casa da





Dindinha.

Comida, sofá, preguiça e carinho.

E. A gente também gosta disso.

É engraçado quando a gente fica assim. Geralmente você escolhe um filme ou desenho pra assistir, e eu fico no celular, ou escrevo. Quando estamos assim, até parece que estamos distantes.

Mas não... Sempre rola um carinho. Você põe a perna sobre mim. Às vezes ficamos de mão dadas. Ou te dou um beijo inesperado. E por aí vai... Eu adoro quando me dou conta desses contatos. Dá vontade de não parar nunca mais. Gosto desses momentos. Eles me dão a sensação de que, por mais que estejamos fazendo coisas diferentes, o nosso elo permanece ali. Um elo saudável, espontâneo. Sem cobrança.

Lembrei da minha terapia. Houve uma época em que discuti muito essa coisa de elos. Os elos que precisavam ser quebrados. Os cordões umbilicais que precisam ser cortados. Me dei conta disso agora. Nunca tinha pensado assim. Acho que existem elos saudáveis e elos patológicos. A gente perde muito tempo com elos patológicos e tem dificuldade de reconhecer os elos saudáveis.

Os elos que precisam ser quebrados são os patológicos. Não os saudáveis.





Às vezes a gente quer quebrar todos, porque se confunde. Isso é bem complicado...

Mas, talvez, se olharmos com calma, acho que seremos capazes de manter somente esse. O elo saudável. Que permite que cada um siga o seu caminho, cada um faça suas próprias escolhas, mas que mantêm vivo o amor verdadeiro. Esse que dá o carinho, sem esperar nada em troca.

Hoje te dei um beijo no joelho, enquanto eu escrevia e você assistia desenho do meu lado. Adorei te dar aquele beijo. Me deu uma sensação de plenitude. E não esperei nada em troca.

Logo depois você se encostou em mim, contato. Você gosta do contato também. Assim como eu.

Quando percebi, te falei: adoro esse contato. Adoro você aqui comigo, mesmo que estejamos concentradas em outras coisas.

Você sorriu. Sorriu seu sorriso mais lindo.

Acho que você entendeu. Eu também entendi.

Depois do nosso momento preguiça da noite, eu tinha comprado um ingresso para o filme uma "Razão para Viver", seção das 23h50. Eu queria assistir esse filme, e não tinha outra seção. Sim. Era tarde demais. Talvez eu dormisse. Mas eu queria e já





comprei com antecedência pra não correr o risco de desistir por preguiça.

Deu o horário do filme e você estava acordada. Expliquei que eu ia assistir e tinha comprado o ingresso pra você. Mas que você poderia escolher entre ir e ficar.

Eu jurava que você ia escolher ficar e assistir seus desenhos. Porque expliquei que era filme de adulto.

No entanto, mais uma vez, você me surpreendeu.

Quero ir com você, mamãe.

Tem certeza?

Sim. Tenho.

Então tá.

Entramos no carro e você já se deitou no banco de trás.

Biju, você vai dormir?

Vou descansar só um pouquinho até chegar lá.

Achei uma judiação, mas era o que você queria.

Nossa vontade de ficarmos juntas era maior que o sono ou a dó.

Chegamos ao shopping e tive que te acordar. Te levei de cavalinho nas costas. Você estava sonolenta. Chegamos ao cinema, você já se deitou na poltrona e dormiu.

Acho que nunca vou saber certamente porque você quis ir. Mas se eu fosse chutar, diria que quis ir me acompanhar.





Parece que foi uma maneira de "prolongar" aquele nosso tempo. Você podia ter ficado assistindo seu desenho, ou dormindo confortavelmente... mas não. Você escolheu diferente, e eu fiquei feliz pela companhia.

O cinema estava vazio. Provavelmente pelo horário. A bomboniere já estava fechada, mas entrei na cozinha e ainda me venderam uma pipoca.

O filme terminou às duas. Infelizmente tive que te acordar. Você acordou e me pediu pipoca. Me desculpei com você porque eu tinha comido tudo (acho que acabou ainda no trailer... o filme nem tinha começado e eu já tinha devorado a pipoca!)

Você sorriu.

Saimos andando e o shopping estava pior que um museu.

Maior silêncio. Não tinha uma alma viva. Me deu até um medinho.

Mas você começou a rir. Eu não tinha ideia do porquê, você estava rindo. Só sei que eu ri junto.

Comentei: Biju, só tem a gente aqui... só nós duas doí-dinhas para vir no cinema esse horário...

Você deu gargalhadas. Eu também.

A gente não conseguiu aparar de rir...

Ainda falei: esse é o nosso segredo. As duas





doidinhas.... rs.

E fomos rindo sem parar, até perder o ar e chegamos até o carro.

Esse fim de semana foi uma correria só... agora eu entendo quando você diz que deveríamos trabalhar dois dias e descansar cinco. Rrs.

Na sexta-feira à noite, foi sua formatura do pré-escolar. Com direito à beca e capelo. Eu amo essas cerimônias, e tive muito orgulho de você.

Inicialmente, admito que achei desnecessário e tive até preguiça.

Tinha que comprar uma roupa especial, começar a arrumar com horas de antecedência, chegar mais cedo pra pegar lugar...

Mas quando você ficou pronta... AH! Você estava deslumbrante! Dei risada quando entramos no anfiteatro e um coleguinha seu soltou espontaneamente: Isabella! Você está tão... tão... tão... tão!!! E não encontrava palavra pra te descrever, até que alguém o ajudou e disse: maravilhosa. Ele balançou a cabeça, concordando...





Você dançou, cantou! Dava pra perceber que havia um certo medo, ou vergonha, não sei... talvez vontade de fazer tudo certinho, mesmo sob tanta pressão... não sei. Mas você conseguiu! E eu diria que até se divertiu! Eu vi sua felicidade ao ser aplaudida! A sua e de todos os seu amigos...

Quando anunciaram seu nome e você entrou de beca e cabelo vermelho, você estava séria. Compunetrada. Lembrei de mim. Lembrei da sensação de nervosismo. O coração acelera, as mãos suam... será que todo mundo se sente assim? Alguns mais, alguns menos... não sei.

Achei que sua postura lembrava a minha. Mas seu pai achou que lembrava a dele. Por isso pensei que talvez todos sintam a mesma coisa.

Logo percebi que seus olhos nos procuravam. Nunca tinha imaginado a importância da presença de um rosto conhecido nessas apresentações. Só me dei conta disso após o sorriso que vi estampado em seu rosto ao nos encontrar na plateia.

Descobri que você já sabe cantar o Hino Nacional. E o do Canadá também! Noooooossa! E muita coisa! Já era difícil na minha um hino só. Imagine dois! Vocês fizeram o juramento, que por sinal foi muito lindo. Falaram sobre valores, sobre verdade, sobre





amor e solidariedade! Acho que os adultos deveriam ter jurado isso muito mais que as crianças...

E depois, receberam o canudo, tiraram fotos, e jogaram os confetes pra cima. Sua primeira formatura. Ainda me lembro das minhas. Não sei direito como me sentia. Parece que não me lembro. Mas tenho sensação lá no fundo de que foi incrível. Tomara que tenha sido incrível pra você.

Pra mim, foi incrível estar na plateia. Eu vi você vencer o medo, a vergonha, o nervosismo. Vi você dar risada. Vi você acertar os passos. Torci pra que você acertasse. E vi você errar também... e o erro não foi capaz de estragar a beleza daquele momento. E te aplaudi!

Engracado... eu diria que a formatura é um retrato fiel das nossas vidas.

Que sua vida seja uma eterna formatura...





No dia seguinte, fomos pra São Paulo. Ao Cirque Du Soleil. Há uns 2-3 anos, fomos a um espetáculo em Riviera Maya. Mas você tinha idade pra entrar. Fiquei inconformada! Você não pôde ir...

Quando fiquei sabendo que eles vinham para o Brasil, eu queria que fosse uma das melhores experiências da sua vida.

Então fiquei horas buscando dia por dia, até encontrar um em que o melhor assento estivesse disponível. Só pra você ter uma ideia, estávamos em agosto. E consegui o ingresso para o dia 9 de dezembro. Peguei o primeiro assento, bem na frente, e do lado do corredor principal... caso algum artista passasse por ali, você o veria bem de pertinho.

Não sei por que... mas sempre tive isso de querer ver de perto. Nunca me contentei muito em ver de longe. Parece que quando a gente vê de perto, a gente se sente mais parte do espetáculo... parece que fica mais real! Não tão distante... Enfim, depois de 4 meses, estávamos lá. Grudados no palco.

Não era como eu imaginava, as cadeiras ficam mais baixas que o palco. A visão não era tão boa, quanto quando estamos no mesmo nível do palco. Que pena... mas mesmo assim eu sabia que aquele lugar





ia valer a pena.

Logo no início do show os artistas começaram a passar por ali... do seu lado! Do nosso lado!

Puxa! QUE LE-GAL!!!

Dava vontade de pegar no rabo do lagarto. Você ficou encantada com as amazonas.

Disse que queria ser uma delas.

Circo tem toda uma magia que é inexplicável. São pessoas normais capazes de feitos incríveis. Capazes de fazer uma plateia gigantesca rir, se divertir, ter medo, ter vergonha, ter vontade de estar lá. A gente sabe que é preciso um esforço enorme. Mas todos aqueles artistas fazem parecer que é possível.

Eu não sei quem estava mais encantada de nós duas.

Em alguns momentos você estava boquiaberta e tão concentrada que não viu um dos artistas parar do seu lado e tentar bater na sua mão.

Lá pela metade do show, o palhaço desceu e nos cumprimentou. Ele disse: Hello! E pegou na sua mão. Fez o mesmo comigo na sequência e depois, com seu pai. Mas aí sem que nem tivessem tempo de pensar, ele levou seu pai para o palco.

Eu quase não acreditei!





É como se eu tivesse subido lá com ele.

Que bom que eu peguei aquele lugar!

É estar no lugar certo, na hora certa!

Podia ser eu, ou você, ou seu pai...

mas tinha que ser um de nós três.

Puxa... qual a chance de ser o escolhido? Qual a chance de ser uma das poucas pessoas a subir no palco do Cirque du Soleil e ser ovacionado?

Pra mim, é mínima.

É lá estava ele... com medo, com vergonha, mas se divertindo... parecia você na sua formatura.

Eu dei muita risada. Eu CHOREI de rir quando o palhaco o massageou. E tive ciúmes quando ele se soltou e estimulou toda a plateia... mas, mais que isso, tive orgulho quando ele se divertiu e foi ovacionado.

Imaginei aquele nosso livrinho dos grandes feitos da nossa vida. Sem dúvida nenhuma, esse estaria lá.

Aplausos.

Lembrei de você sendo aplaudia na formatura.

Lembrei do filme Extraordinário. Em que o





personagem principal deseja, no final, que todo mundo seja aplaudido uma vez na vida.

Eu vi seu pai sendo aplaudido. Nós estávamos aplaudindo ele.

Sim. Já de longa data eu adoro os aplausos. A sensação de ser aplaudida é muito boa.

Mas, de repente, no meio de tudo aquilo, eu percebi a felicidade de aplaudir. Eu não só aplaudi. Eu gritei. Eu vibrei. Aplaudir com o coração é tão bom quanto ser aplaudido. Eu nunca tinha percebido isso.

Foi aí que me dei conta de que o sorriso no rosto de quem aplaude é o mesmo sorriso de quem é aplaudido.

A gente, apesar de estar na plateia, se sente junto com o artista.

Nesse show, um artista acabou caindo do palco e foi parar na plateia. Durante os segundos seguintes, não assisti ao show. Só conseguia pensar em como ele estava se sentindo, desejei que ele não se martirizasse e nem fosse martirizado por ninguém. Desejei que fosse algo mais do tipo: "acontece".

Ele se levantou rapidamente e logo na sequência emendou um salto sensacional.

E como deveria ser a vida. Seguir em frente deixando





os tropeços para trás.

Mas é tão difícil não se culpar, não se martirizar... quando deveria ser o contrário, né? Teoricamente, quando penso, é tão mais simples seguir em frente, sem o peso da culpa, sem o peso dos erros... mas na prática, é o contrário! A gente se apega a essas sensações ruins. E aí, só se fode. Literalmente. Pra quê, né?

Puxa! Alguns números pareciam de ginastas das olimpíadas. Fiquei pensando: como é que o circo recruta essas pessoas? Será que já foram competidores em uma olimpíada?

Pensei que deve ser muito bom se apresentar assim em público e ser aplaudido, sem a pressão de ganhar um torneio.

O segundo lugar das Olimpíadas, às vezes, deixa uma tristeza por ter "perdido". Sempre achei essa sensação meio injusta.

Se eu tivesse o dom dessas pessoas, escolheria o circo ao invés das olimpíadas. Pra mim, bem mais divertido.

E aí me dei conta de que todos são seres humanos.

Como será a vida no circo? Como será a rotina dessas pessoas? Como será a convivência com família? Namoros? Como fazem as mulheres quando





engravidam? Ou não engravidam? Até que idade conseguem trabalhar assim? O que fazem depois? Eles tem casa? Viajam por quanto tempo separar? Nossa! São tantas perguntas. Tanta curiosidade.

Eu queria ter um tempo depois do show só pra conhecer um pouco da história deles. Mas não esse tipo de história "editada". Feita pra vender. Eu queria saber a história de verdade.





O que acontece por trás dos bastidores. A história dos sentimentos, das dificuldades, da superação, das dores. Como eu queria ver os seres humanos que existem por trás dos artistas. O que sentem quando são aplaudidos? O que sentem quando arrancam nossos sorrisos? O que sentem quando erram? Do que tem que abrir mão? Qual a parte ruim de ser uma artista? E qual a parte boa? Como descobriram e desenvolveram seu próprio dom?

Como é que chegaram lá? Sorte? Esforço? Disciplina? Dor? Amor? Tudo junto?

Puxa. Que curiosidade... parece curiosidade de criança. Curiosidade simples e pura. Não aquela curiosidade maliciosa que julga e diminui as pessoas.

Pensei nessas pessoas que fogem dos paparazzis. Princesa Diana morreu por isso.

Gente curiosa que julga... Será que era só aquilo que tinham pra mostrar? Perseguir pra mostrar um romance que ela queria preservar?

O nome disso é desrespeito, né...

Por que não a procuravam para perguntar sobre o que ela tinha feito de importante? Pra saber se ela queria contar a história dela?

Eu gosto de contar as minhas histórias, e AMO





ouvir as histórias das outras pessoas. Podem ser histórias alegres. Às vezes são histórias tristes. Ou histórias simples, sem grandes acontecimentos... Mas todas trazem alguma sabedoria... O fato é que eu amo as histórias. As histórias que são contadas pelo coração. Histórias compartilhadas. Essas nos fazem crescer.

Histórias são diferentes de fofocas. A fofoca não agrega.

Eu adorava revistas de fofoca, isso é o que mais tem quando vamos a uma banca de revistas.

Mas quando percebi a sutil diferença entre as histórias e as fofocas, elas perderam a graça. Nem me lembro mais que essas revistas existem. Mas pensando sobre isso agora, vejo que faltam revistas sobre histórias.

Histórias de gente comum. Gente que ajuda um vizinho. Ou um amigo. Gente que rala sem perder a fé. Gente que ri, ri até de si mesmo. Gente que podia servir de exemplo, de bom exemplo, mas que tá por aí, escondido no mundo, sem ser visto, porque nosso foco hoje aponta para o lado errado. Aponta pro consumo desenfreado, pro dinheiro, gente que atropela o outro, sem escrúpulos.

Eu sei. Fofoca vende. Tragédia também.

Mas eu ainda acredito mais na história de gente





comum. Nós, comuns, somos a maioria. Eu acredito no trabalho das formiguinhas. Talvez já tenha passado da hora de isso ser mais valorizado. Reconhecer a importância de cada um... Não só da rainha...

Espero que você goste da nossa história...

Ao final do show, entregaram uma revista sobre o Cirque du Soleil e o espetáculo. Conta a história do dono do circo, os perrengues que passaram... e tem fotos dos artistas. Enquanto eu folheava, reparei que embaixo das fotos tinha o país de onde eles eram.

Como esperado, muitos russos e canadenses. A Rússia é uma potência em balé e ginásticas. E o circo tem seu berço no Canadá. Ok.

Mas, de repente, me deparei com uma brasileira! Sim! Brasileira! Sim. Só uma. Mas está lá. Era uma das personagens que mais aparecia. Era uma espécie de "palhaca". Não. A brasileira não fazia malabarismos incríveis. Muito menos aqueles contorcionismos que parecem sobrenaturais... No entanto, ela fazia rir. Sim! Ela nos fez rir, e muito! Verdadeiras gargalhadas ela conseguiu nos arrancar!

Engracado. Os palhaços do Cirque du Soleil não





são como os palhaços da minha época, com o rosto pintado e com peruca, lembrando o Bozo. Não. Os palhaços são maquiados, mas mantêm uma maior semelhança conosco, pessoas comuns. Não sei se isso é proposital. Talvez sim. Talvez não. Mas o fato é que rola uma identificação enorme com eles. Com menos maquiagem, parece que somos mais semelhantes.

E descobrir que aquela mulher lá no palco era brasileira. Ah! fez com que eu me identificasse mais ainda com ela. Pena que só descobri isso depois do show.

De que cidade será que ela é? Será que se mudou do Brasil logo cedo? Há quanto tempo está no Cirque du Soleil? Como será que descobriu o seu dom para ser "palhaça"? Será que ela tem família? Onde será que ela mora? Como será que ela se sente fazendo esses shows "em casa"?

Mil perguntas borbulharam em minha mente! Droga. Todas sem respostas...

Mas mesmo entre tantas perguntas, não pude deixar de me sentir orgulhosa. Não sei o que é isso. Não sei se é patriotismo. Ou se é o contrário. Só sei que senti. Como você pode sentir orgulho disso você nem conhece a pessoa. Não faz ideia de quem seja. Talvez só nasceu no Brasil e mora





fora desde que se entende por gente. Talvez nem saiba mais falar português.

E. Realmente. Mas não interessa. Ela não deixa de ser brasileira. Tá lá. Tá escrito no papel. Brasil. Sim. B-R-A-Z-I-L. Ela é uma brasileira. Assim como eu. A gente tem isso em comum. E ponto. Ela saiu daqui dessa terra. E conquistou seu espaço. Não é qualquer um que consegue fazer tanta gente dar risada. E preciso dom. E preciso esforço. E preciso mais que sorte.

Fico aqui... Imaginando mil histórias para aquela mulher. Histórias sofridas, histórias menos sofridas, histórias com muita sorte... e nem uma delas faz com que eu me sinta menos orgulhosa.

No fundo, a história que mais faz sentido pra mim é imaginar que ela é alguém que acreditou em um sonho.

Acreditou no próprio sonho. Mas mais que isso, acreditou em si mesma...

Faltam poucas páginas para terminar esse livro... isso significa que ele está chegando ao fim.

No entanto, acredito que nossas viagens continu-





arão por toda a vida!

Isso me alegra muito.

Outro dia você veio me perguntar quando é que teríamos novamente um tempo só nosso. Eu me senti lisonjeada quando percebi que você queria a nossa "exclusividade". Um pedido claro de atenção.

Não sei se um dia você vai se lembrar disso. Mas eu gostaria de nunca esquecer. Isso não significa que eu quero você só pra mim ou vice-versa.

Pelo contrário...

Significa que é muito importante termos nossas próprias vidas. O que mais desejo é que você consiga trilhar seu próprio caminho da melhor maneira possível. Que você lute pelos seus próprios sonhos e consiga separá-los dos meus. Que você escute os meus conselhos, mas que faça do seu jeito (mesmo que eu não concorde). Desejo também que saiba que eu gostaria muito de ter me dedicado inteiramente a você, mas que entenda que eu também tenho a minha própria vida e os meus próprios sonhos. Espero que um dia entenda a importância dos meus espaços e dos seus, principalmente. Espero que entenda que eu seria a mãe perfeita, se isso fosse possível... Mas não... Como você mesma me disse uma vez: eu sou humana.





E sendo humana, o que mais cometo são erros.

Erro muito quando grito com você, quando não te ouço ou te ignoro, quando não te dou importância, erro muito quando jogo fora suas flores ou não percebo todo seu esforço. Erro também quando te dou responsabilidades pesadas demais.

Espero que um dia você me desculpe por tudo isso, minha filha.

Me desculpe pelo amor que ficou guardado e não demonstrado.

Eu sei que eu sinto o maior amor do mundo por você. Mas amar não é fácil. Na verdade, não somos habituados a demonstrar o amor de forma pura e simples.

Infelizmente...

Ao longo da vida, aprendemos a negociar o amor, a transformá-lo em moeda de troca... E acabamos alterando completamente sua essência.

Eu fui muito assim

Mas depois que você nasceu, tudo começou a desanuviar... meu amor renasceu e clareou. Eu aprendi a amar novamente, e de uma forma muito melhor.

No entanto, quando aprendemos um caminho errado, é muito difícil aprender o certo de novo. Sempre ficamos na dúvida: qual era o caminho mesmo?





Então espero que um dia você possa entender que em nenhum momento eu quis te fazer mal. Que em nenhum momento eu quis te machucar... Mas que se isso acabou acontecendo, espero que entenda que não foi proposital, não foi por querer.

Mas mesmo assim, eu te peço perdão. Eu te peço perdão pelos erros que cometi. E também pelos erros que provavelmente ainda vou cometer.

Me perdoe, minha filha.

Me perdoe por não ser o que você espera. Me perdoe por não ser o que você merece.

Mas saiba que eu tento fazer o meu melhor diariamente. Eu tento melhorar dia após dia. Eu tento refletir, eu tento mudar, eu tento entender. E foi sua presença na minha vida que me transformou assim.

Sou grata a você por toda luz que me trouxe. Mas sou mais grata ainda pela escuridão com que tive que entrar em contato.

Obrigada por me ajudar a evoluir.

Desejo que a gente continue viajando sempre. Sim.

Mas desejo ainda mais. Desejo que a gente continue assistindo filme juntas e comendo pipoca; que a gente continue se abraçando e se beijando muito — milhares de vezes ao





dia - quando estivermos juntas: desejo que a gente dê muita risada dos nossos próprios erros e palhaçadas, ou quando eu fico parecendo um zumbi (quando estou concentrada) ou quando você parece um zumbi! Que a gente continue tendo o nosso tempo, só nós duas... Mas que a gente continue imaginando como seria junto com o papai!

Desejo que você tenha sempre esse lindo sorriso no rosto e seu brilho no olhar... Mas... se em algum momento na vida acabar por perdê-lo, desejo que seja capaz de reencontrar qualquer caminho que a leve de volta pra eles.

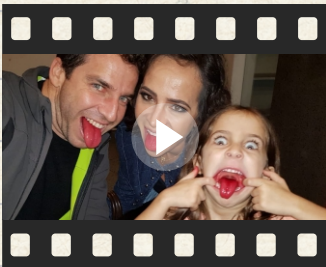
Desejo mais alegria que tristeza, mais coragem pra enfrentar o medo, mais amor para dissolver a raiva.

Desejo isso pra mim...

E desejo isso pra você.

Eu te amo de um jeito torto e maluco, mas te amo verdadeiramente e por todo o sempre!

Beijos de sua mãe, Priscilla



**O MAIOR PODER
DO MUNDO
É O AMOR!**





PS: Escrevi esse livro no final de 2017 e guardei-o. Este ano, resolvi ler pra Isabella. Ela havia me perguntado o que seria do Natal este ano. Estava preocupada com o Papai Noel, nesta pandemia. Será que ele ia conseguir entregar todos os presentes? E se ele pegasse Covid? Então, tivemos a ideia de transformar em e-book e distribuir gratuitamente. Segundo a Isabella, esse livro é sobre amor, felicidade, saudade, família. E isso é tudo que a gente quer, tudo o que a gente gosta. Por isso, escolhemos compartilhá-lo com o mundo. Depois de um ano tão complicado, não há nada mais necessário que o amor. Por isso, pedimos sua ajuda pra que esse livro atinja o maior número de pessoas. Leia, receba esse amor e mande para alguém que você ama também. Para alguém que foi importante na sua vida. Leva menos de um minuto... Pare, pense em alguém, escreva algo pra essa pessoa: Lembrei de você. Você é importante pra mim. Eu te amo. Ou escreva o que você quiser... Só não deixe de espalhar essa onda de amor pelo mundo... Nós precisamos disso. Precisamos de amor. E ele precisa começar por cada um de nós. Acredite. Se acreditarmos juntos, nada vai conseguir parar o amor!

Feliz Natal e Próspero Ano Novo!

Nosso amor pra você!

Priscilla, Rafaello e Isabella





@medicadavida



Priscilla Furtado



Dica da Vida



contatopriscillafurtado@gmail.com

www.priscillafurtado.com